



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
PIMES-PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

ALEXANDRE JOSÉ GOMES DE SÁ

O COMÉRCIO SINO-ANGOLANO NO ESQUEMA CENTRO-PERIFERIA:
ENFOQUE NA QUESTÃO DO PETRÓLEO

Recife, 2013

ALEXANDRE JOSÉ GOMES DE SÁ

O COMÉRCIO SINO-ANGOLANO NO ESQUEMA CENTRO-PERIFERIA:
ENFOQUE NA QUESTÃO DO PETRÓLEO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia-PIMES, da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Economia-Área de Comércio Exterior e Relações Internacionais.

Orientador: Professor Dr. João Policarpo Rodrigues Lima

Co-orientadora: Professora Dra. Maria Fernanda Freire Gatto Padilha

Recife, 2013

Catálogo na Fonte
Bibliotecária Ângela de Fátima Correia Simões, CRB4-773

S111c Sá, Alexandre José Gomes de
O comércio sino-angolano no esquema centro-periferia: enfoque na questão do petróleo / Alexandre José Gomes de Sá. - Recife : O Autor, 2013.
91 folhas : il. 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. João Policarpo Rodrigues Lima e co-orientador Profa. Dra. Maria Fernanda Freire Gatto Padilha.
Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal de Pernambuco,CCSA, 2013.
Inclui referências.

1. Comércio internacional. 2. China. 3. Angola. 4. Petróleo. I. Lima, João Policarpo Rodrigues (Orientador). II. Padilha, Maria Fernanda Freire Gatto (Co-orientador). III. Título.

382 CDD (22.ed.) UFPE (CSA 2013 – 101)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
PIMES/PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ECONOMIA DE:

ALEXANDRE JOSÉ GOMES DE SÁ

A Comissão Examinadora composta pelos professores abaixo, sob a presidência do primeiro, considera o Candidato Alexandre José Gomes de Sá **APROVADO**.

Recife, 16/08/2013.

Prof. Dr. João Policarpo Rodrigues Lima
Orientador

Prof^a. Dr^a. Maria Fernanda Gatto
Co-Orientador/Examinador Interno

Prof. Dr. Marcos Ferreira da Costa Lima
Examinador Externo/UFPE- Deptº. Ciências Política

Com amor e gratidão, dedico este trabalho à minha família e a minha companheira pelo apoio nos momentos difíceis e decisivos de sua elaboração.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem o qual nada é possível, e do qual tudo provem e tudo retorna.

Ao meu orientador Professor Pós-Dor. João Policarpo Rodrigues Lima, pelas enriquecedoras aulas.

À minha co-orientadora Professora Dra. Maria Fernanda Freire Gatto Padilha, que com vasto conhecimento e paciência me guiou no sentido de fazer uma pesquisa objetiva e transparente.

Ao Professor Dr. Álvaro Barrantes Hidalgo, por mostrar-se sempre disposto a atender as minhas expectativas relacionadas ao curso.

À Professora Dra. Andréa Sales Soares de A. Melo, pelos ensinamentos técnicos para sistematizar esta pesquisa.

Ao Professor Pós-Dor. Marcos Ferreira Costa Lima pelo humanismo e pelas contribuições para a melhoria da dissertação.

Aos colegas do mestrado, pelo companheirismo.

À Sueli Alves, pela liderança e transparência no convívio profissional diário no CES/SESI-DR/PE (Centro de Ensino Supletivo/Serviço Social da Indústria-Departamento Regional/Pernambuco)

À Lilian Avelar e Almira Magalhães, pela sensibilidade e incentivo à minha formação continuada.

A George Modesto e Jacqueline Moura pelo tratamento sempre receptivo e respeitoso.

À Cláudia Valença e a Robson Junior pela constante prontidão para atender nossas demandas no CES.

Ao mestre Antônio Barbosa (ou Seu Barbosa), pelos diálogos elucidativos sobre os mais variados temas.

A todos os professores e demais colaboradores do CES (em especial a Gercina, Alfredo, Fabiano Ana Paula Ourem, Noêmia Medeiros, Shirley Franklin e Ana Carmem).

Prebisch, hoje, teria se debruçado sobre a experiência chinesa e chamaria a atenção para a geopolítica dominante que a China vem fazendo no chamado Terceiro Mundo.

Carlos Lessa

Será necessário investigar a realidade sociológica e econômica da China em Angola e estar-se atento ao que se passa nos outros países africanos, de onde são emitidos sinais preocupantes quanto ao desaparecimento de empresas nacionais, o aumento do desemprego nacional e a deterioração das relações entre as respectivas comunidades.

Manuel Alves da Rocha

A China, inquestionavelmente, foi outrora a maior civilização do mundo, não apenas em comparação a Roma, mas superior à Europa Medieval.

John King Fairbank e Merle Goldman

RESUMO

Esta dissertação pretende analisar a relação comercial bilateral sino-angolana (China-Angola) contemporânea (entre os anos 2000-2011) com enfoque na questão do petróleo, levando-se objetivamente em consideração também o envolvimento chinês em outros setores importantes da economia angolana. À luz do esquema “prebischiano” de Centro-Periferia (Raúl Prebisch) e sob o panorama de uma economia globalizada (mundializada), busca-se identificar as assimetrias na relação comercial entre ambos os países, identificando as vantagens para a China por um lado, e as desvantagens para Angola por outro lado. Após pouco mais de trinta anos de crescimento econômico (com raízes na chegada de Deng Xiaoping ao poder em 1978), uma acelerada urbanização e consideráveis mudanças nos padrões de consumo, a China migra da condição de maior exportador de petróleo do Leste da Ásia (nos anos 1980) para a condição de relevante importador mundial (entre os anos 1990 e 2000). Motivada pela necessidade de manter a pujança de sua economia (além dos fatores políticos que também norteiam a questão), a China aproximou-se de alguns países do continente africano ricos em matérias-primas. Angola, país localizado na África Subsaariana (ou na África Austral), recentemente saído de uma longa guerra civil (entre os anos de 1975 e 2002), conflito que praticamente destruiu a infraestrutura do país, é detentor de vastas reservas de petróleo, e transformou-se, no contexto do continente africano, no maior fornecedor dessa commodity para os chineses. Os resultados do trabalho indicam que a relação comercial sino-angolana apresenta características que a enquadram naquilo que preconiza o esquema Centro-Periferia (ou nos seus principais aspectos). A China, um país em desenvolvimento, de fato tem hoje uma economia cuja força e capilaridade são ainda difíceis de dimensionar. Sendo assim, buscar o entendimento da relação comercial sino-angolana pode ser concebido como mais um passo para entender o que a China quer econômica e politicamente do mundo.

Palavras-chaves: Comércio. China. Angola. Centro. Periferia. Petróleo.

ABSTRACT

This research intends to analyze the contemporary bilateral sino-angolan (China-Angola) commercial relation (during 2000-2011) focusing in the oil issue, also taking into account the Chinese involvement in other important fields of the Angolan economy. In the light of the Prebischian Centre-Periphery (Raúl Prebisch) and under the panorama of a globalized economy it seeks to identify the asymmetries in the commercial relationship between both countries, identifying on one side the advantages to China, and, on the other hand, the disadvantages for Angola. After a little more than thirty years of economic growth (with roots on Deng Xiaoping ascendance to power in 1978), an accelerated urbanization process and considered changes in the consumption patterns, China migrates from the condition of East Asia largest oil exporter (in 1980) to an important world importer (during 1990 and 2000). Motivated by the need of maintaining the strength of its economy (besides the political aspect that guided this matter), China also approached some countries of the African continent rich in raw materials. Angola, a country located in the Sub-Saharan Africa (or Southern Africa), recently after a long civil war (during 1975 and 2002), a conflict that almost destroyed the infrastructure of the country, is the holder of vast oil reserves, and became, in the context of the African continent, the largest supplier of that commodity for the Chinese. The result of this work indicates that the sino-angolan commercial relationship presents characteristics that fit it on what advocates the outline of Centre-Periphery (or its principal aspects). In fact, currently, China, a country in development, has an economy which force and capillarity are still difficult to dimension. As such, to reach the understanding of the sino-angolan commercial relationship can be conceived as one more step to understand what China expects economical and politically from the world.

Key-words: Trade. China. Angola. Centre. Periphery. Petroleum.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Crescimento do PIB da China de (1961-2009, % ao ano)

Figura 2 - Evolução da participação do comércio chinês no comércio mundial de (1984-2008)

Figura 3 - Importações chinesas de petróleo no mundo (2008)

Figura 4 - Importações chinesas de petróleo (2011)

Figura 5 - Importações chinesas da África por produtos

Figura 6 - Importações chinesas da África por setor (2011)

Figura 7 - Exportações chinesas para a África por setor (2011)

Figura 8 - Fluxo de investimentos chineses na África (em USD milhões correntes)

Figura 9 - Principais parceiros comerciais africanos (2009)

Figura 10 - Balança comercial da China com os cinco principais parceiros da África (2009)

Figura 11 - Angola: Composição das exportações em % (2011)

Figura 12 - Angola: Composição das importações (2011) em %

Figura 13 - Comércio bilateral China-Angola, em milhões de USD (2000-2010)

Figura 14 - Proporção de importações de petróleo pela China (2001-2009)

Figura 15 - PIB por setores de atividade em Angola

LISTA DE TABELAS E MAPAS

Tabela 1 - Principais importações chinesas de petróleo (janeiro/março-2010)

Mapa 1 - África Continental (áreas de produção de gás e petróleo)

Mapa 2 - Visita dos líderes chineses a África (1995-2009)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ApexBrasil - Agência Brasileira de Promoção de Importações e Investimentos.

BP - The British Petroleum Company (A Companhia Britânica de Petróleo)

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina

ENDIAMA - Empresa Nacional de Diamantes de Angola

EUA - Estados Unidos da América

FMI - Fundo Monetário Internacional

FNLA - Frente Nacional de Libertação de Angola

FOFAC - Foro de Cooperação África-China

IDE - Investimento Direto no Exterior

MCDI - Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior

OMC - Organização Mundial de Comércio

PCC - Partido Comunista Chinês

MPLA - Movimento Popular de Libertação de Angola

PIB - Produto Interno Bruto

PPP - Purchasing Power Parities (Paridade do Poder de Compra)

RPA - República Popular de Angola

RPC - República Popular da China

SONANGOL - Sociedade Nacional de Petróleos de Angola

UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USD - United States Dollar (Dólar dos Estados Unidos)

ZEEs - Zonas Econômicas Especiais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1 Justificativa.....	18
1.2 Objetivos (Geral e Específicos)	20
1.3 Estrutura da dissertação.....	21
2. REFERENCIAL TEÓRICO	22
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS	37
4. A ASCENSÃO ECONÔMICA DA CHINA	39
4.1 Um breve histórico da ascensão econômica da China.....	39
4.2 A inserção internacional da China (a partir dos anos 2000)	46
4.3 A demanda chinesa por matérias-primas (ênfase na demanda por petróleo)	48
5. A ECONOMIA DE ANGOLA	50
5.1 Um breve histórico da economia de Angola (sua reestruturação no pós-guerra civil e sua atual conjuntura).....	50
5.2 A primazia do petróleo na economia angolana (aspectos da pauta comercial angolana) e o IDE (Investimento Direto no Exterior) chinês no setor petrolífero de Angola.....	53
6. A RELAÇÃO COMERCIAL BILATERAL SINO-ANGOLANA (AS ASSIMETRIAS)	55
6.1 Um breve histórico das relações comerciais sino-africanas nos anos 2000.....	55
6.2 A relação comercial bilateral sino-angolana nos anos 2000 e o IDE no setor petrolífero.....	59
6.3 Assimetrias da relação comercial sino-angolana.....	65
COSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81

1. INTRODUÇÃO

A economia da China (sua ascensão e peculiaridades) tem estado bastante presente nas discussões acadêmicas (e em outros ambientes do debate econômico) fato esse positivo para o entendimento de sua complexa dinâmica. Sobre a relevância econômica da China no mundo atual e suas implicações atesta Fiori (2007, pp. 39-38) “a China já atua hoje como um centro articulador e “periferizador” do resto da economia mundial, graças ao dinamismo e às dimensões do seu mercado interno.”¹ Este projeto, intitulado “O Comércio sino-angolano no esquema Centro-Periferia: enfoque na questão do petróleo”, analisa as assimetrias da relação comercial bilateral China-Angola entre os anos de 2000 e 2011, buscando também, de forma geral, contribuir para a discussão sobre o tema a ascensão da economia chinesa.

Inicialmente propõe-se o seguinte questionamento: seria inconsistente afirmar que, o comércio bilateral sino-angolano (com enfoque no petróleo) é, à luz do esquema Centro-Periferia (embasado nas ideias de Raúl Prebisch²), uma relação onde a China já atuaria como um país de centro condicionando a Angola o papel de periferia? Em síntese, sobre o esquema “prebischiano” de Centro-Periferia. Afirma Corazza (2006, p. 138) “Prebisch, (...) sustenta que as relações (...) entre o centro e a periferia, ao contrário do que previam as teorias clássica e neoclássica do comércio, tendem a reproduzir as condições de subdesenvolvimento.”³

Em princípio, há consistência na hipótese de centrismo da China e de “periferização” de An-

¹ FIORI, José Luís. *O poder global*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

² MACHADO, Luiz. *Grandes Economistas XI: Raúl Prebisch e a contribuição da CEPAL*. Julho de 2007. Raúl Prebisch nasceu em Tucumán, República Argentina, no dia 17 de abril de 1901. Em 1923, graduou-se em Economia pela Universidade de Buenos Aires, dedicando-se desde então ao ensino e à pesquisa, mas desenvolvendo, paralelamente, uma série de outras funções. Faleceu aos 85 anos, no dia 29 de abril de 1986, na cidade de Santiago do Chile. Disponível em: http://www.cofecon.org.br/index.php?Itemid=114&id=904&option=com_content&task=view. Acessado em: 01/12/2012. Às 22hs 00 min.

³ CORAZZA, Gentil. *O “regionalismo aberto” da CEPAL e a inserção da América Latina na globalização*. Ensaios FEE, Porto Alegre, volume 27, nº 1, maio de 2006. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2114/2496>. Acessado em: 01/12/2012. Às 23hs 30 min.

gola na relação comercial entre os dois países, porém é preciso estar atento ao equívoco de uma abordagem simplista do tema, já que as trocas comerciais sino-angolanas estão inseridas num quadro bem mais complexo, marcado por interfaces entre aspectos econômicos, políticos e geopolíticos, históricos e socioculturais. A forte possibilidade do ressurgimento de um “sinocentrismo” econômico (a China como centro econômico e financeiro do mundo) deve ser levada em consideração, no entanto, deve-se ter atenção para uma visão “triumfalista” a respeito do tema. Um Estado que se define como comunista, mas que na prática é capitalista, a China parece estar cumprindo um ciclo rumo à conquista de uma possível hegemonia econômica, a princípio uma hegemonia dividida com os Estados Unidos da América que é ainda a maior potência econômica do mundo. Uma trajetória característica das nações que, pelos mais variados fatores e singularidades, destacaram-se na história econômica e política do mundo. É como se os chineses estivessem tirando proveito de certa fadiga imperial dos Estados Unidos da América para ocupar um espaço destacado no cenário econômico global. Ressaltando que, ao longo da história alguns países alcançaram evidência “análoga” (como a Inglaterra no século XIX e os Estados Unidos da América no século passado). Enfim, conceituar a Ásia como um potencial “novo” centro de gravidade da economia mundial não é um equívoco, segundo Castro (2011), o PIB da República Popular da China já representa metade do PIB dos Estados Unidos da América, tendo em quatro anos (2002-2006), significando 29 % do crescimento da economia do mundo. ⁴

A RPC (República Popular da China) é um país de números superlativos de acordo com Leite (2011, p. 2) “(...) sua área territorial é de 9.536.499 km² e sua população contabilizada em 2010 alcançou número de 1,33 bilhões de habitantes (cerca de 20% da população mundial).” ⁵ Em 1978 Deng Xiaoping deu início às “reformas” (essencialmente a abertura econômica) que levaram o país a condição em que se encontra hoje, fontes indicam que já a-

⁴ CASTRO, Antônio Barros De. *No espelho da China*. Assessor da Presidência do BNDES e Professor Emérito da UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro. p. 1, 2011. Disponível em: http://www.gr.unicamp.br/ceav/content/pdf/pdf_textobrasilnoespelhodachina.pdf. Acessado em: 02/12/2012. Às 22hs 05 min.

⁵ LEITE, Alexandre César Cunha. *O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Tese de doutorado. São Paulo, 2011. Observação: Texto recebido do autor em 25/08/2011.

quela época, Deng almejava colocar (ou recolocar) em longo prazo a China no patamar de economia central, conforme Marti (2007) “o desejo de Deng foi criar um sistema econômico que permitisse à China tornar-se uma nação rica e poderosa pelos meados do século XXI.”⁶ Atesta Sukup (2002, p. 82) “A China será agora mais um parceiro da ordem global (...) O acontecimento, com certeza, é histórico, pois amplia ainda mais a controvertida “globalização da economia” e dará à China um papel de destaque no mundo do século XXI.”⁷

A RPA-República Popular de Angola, país da África Subsaariana (ou África Austral) que de 1975-2002 vivenciou um intenso período de guerra civil, apresenta hoje um complexo quadro socioeconômico, afirma Walter (2007, p. 74) “um exemplo claro de como os países em vias de desenvolvimento, ricos em recursos naturais, se encontram entre aqueles com tendência para desempenhos fracos em termos de desenvolvimento econômico e social”.⁸ Ao vislumbrar perspectivas para a economia de Angola deve-se considerar que ela está integrada a economia mundial e “inevitavelmente” as suas influências, atesta Rocha (2007), que o crescimento econômico angolano está atrelado (em demasia) a uma demanda externa por petróleo, configurando-se num sério quadro de primarização econômica que impõe limitações ao país.⁹

⁶ MARTI, Michael E. *A China de Deng Xiaoping - O homem que pôs a China na cena do século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Prólogo XIII, 2007.

⁷ SUKUP, Viktor. *A China frente à globalização: desafios e oportunidades*. Revista Brasileira Política Internacional. Volume 45. Número 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292002000200005&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 06/12/2012. Às 22hs 40 min.

⁸ WALTER, Luís Fernando da Costa. *Angola: O Papel e Contributo do Sector dos Petróleos de Angola no Desenvolvimento Sócio-Económico do País. Desafios e Expectativas (1975-2005)*. ISCTE. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Área Científica de Estudo Africanos. Dissertação de mestrado, 2007. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/656/1/TESE%20NOVEMBRO%20ACTUALIZADA.pdf>. Acessado em: 05/12/2012. Às 00: 00hs 30 min.

⁹ ROCHA, Manuel Alves Da. *Algumas notas cursivas sobre as perspectivas para Angola em 2011*. Opiniões-Jornal Expansão. Angola, 2010. Disponível em: http://expansao.sapo.ao/home/opinioao/manuel_alves_da_rocha/a_ameaca_chinesa_em_africa. Acessado em 14/01/2011 Às 17hs 30 min.

Para manter o ritmo de sua pujança econômica, a China, demandando muito por petróleo, transformou de forma significativa o mercado dessa matéria-prima (na primeira década deste século), mobilizando parte significativa dos países produtores-exportadores que se tornaram seus parceiros. Ressalte-se que até o início da década de 1990 a China foi um importante exportador de petróleo (condição que Angola ocupa atualmente na relação com a própria China). Ao importar petróleo em larga escala, para alimentar o seu grandioso aparato industrial (concentrado estrategicamente nas regiões litorâneas do país, nas áreas chamadas de Zonas Especiais de Exportações-ZEEs), a China mostra o seu nível de dependência de outras economias do mundo. Verificando uma considerável dependência chinesa do petróleo angolano, afirma Xavier (2011, p. 96) “o petróleo, é (...) o principal produto de exportação de Angola, da mesma forma que é um dos principais produtos importados pela China.”¹⁰

As formas ou as estratégias postas em prática pela China tanto para conseguir estabelecer relações comerciais vantajosas com os países africanos (aplicadas não só na área petrolífera) quanto para expandir mercados que absorvam a sua produção (manufatureira) tem sido alvo de variadas críticas. Segundo Fiori (2007, p. 215) “no caso do ‘desembarque chinês na África’, (...) um verdadeiro ‘ataque econômico’, liderado por empresas estatais que seguem uma estratégia de governo, com ‘incentivos financeiros e empréstimos baratos.’”¹¹

Enfim, de acordo com exposto e à luz do esquema “prebischiano” de Centro-Periferia, pretende-se identificar na relação comercial bilateral sino-angolana (com enfoque na questão do petróleo), os fatores (ou alguns dos fatores) que a caracterizem como uma relação assimétrica são eles: primarização da economia; deterioração dos termos de troca; produção de manufaturados; transferência de tecnologia; mercado de trabalho organizado em países centrais e desorganizado em países periféricos; estrutura mais oligopolizada em países centrais contrapondo-se a estrutura mais concorrencial em países periféricos; poder de imposição e colocação. Outros conceitos imprescindíveis para a contextualização do tema fo-

¹⁰ XAVIER, Nathaly Silva. *A política externa chinesa e a recepção dos países africanos: o contraste entre Zâmbia e Angola (1989-2009)*. UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29395/000776662.pdf?sequence=1>. Acessado em: 02/12/2012. Às 23hs 00 min.

¹¹ FIORI, José Luís. *O poder global*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2007.

ram tratados, são eles: o fenômeno da globalização (e/ou mundialização); a internacionalização do capital; as relações comerciais entre países (necessidade de estabelecimento de novas relações comerciais); ideias da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina); e desenvolvimento e subdesenvolvimento. Após a verificação das assimetrias são elencadas alternativas (dentro das limitações inerentes a pesquisa) para resolução e/ou atenuação dessas.

1.1 JUSTIFICATIVA

Diante da necessidade de garantir acesso às matérias-primas imprescindíveis para a continuidade do seu desenvolvimento econômico, a China provavelmente vivenciará um quadro de sérios desafios nas décadas vindouras. O país terá de suprir as necessidades inerentes a um portentoso complexo industrial, bem como as implicações de um acelerado processo de urbanização e migração de pessoas para as suas grandes cidades. A considerável demanda chinesa por matérias-primas não é um fenômeno novo. De acordo com Bernet (2011, pp. 61-62) “somente no século XVII, o número de habitantes saltou de 60 milhões para 200 milhões. Era preciso não apenas alimentar, mas dar trabalho a essas pessoas, (...) A indústria da guerra alavancou a siderurgia.”¹²

As relações comerciais sino-africanas também não são um fenômeno recente, caracterizando-se naturalmente pelas motivações específicas de cada período histórico em que foram empreendidas. Conforme Fiori (2007, p. 215) “no início do século XV, a China já havia chegado à costa oriental da África no curso de outro movimento expansivo, (...) Esse primeiro desembarque africano dos chineses aconteceu em 1417 (...).”¹³ Atestam Fairbanks e Goldman (2008, p. 99) “durante a dinastia Song do Sul, o comércio exterior fornecia a maior parte da receita do governo (...). Embarcações chinesas desciam pela costa da Ásia Oriental até as Índias e, dobrando a Índia, chegavam até a África Oriental.”¹⁴ Afirma Kissinger (2012, pp. 26-27) “(...) entre 1405 e 1433, a China empreendeu uma das aventuras navais mais notáveis e misteriosas da história: o almirante Zheng He enviou suas frotas de ‘navios do tesouro’ para destinos tão longínquos quanto Java, Índia, o Chifre da África (...).”¹⁵ Após um processo de expansão, a China entra numa espécie de isolamento comercial, segundo Arrighi (2012, p. 34) “depois das exitosas expedições do almirante Cheng Ho ao oceano Índico, en-

¹² BERNET, Anne. *Da seda aos produtos de ponta. Escassez de energia e explosão demográfica foram e são problemas recorrentes na história da industrialização chinesa. Mas, não é de hoje que o país abastece o mundo com produtos singulares.* Revista História Viva. Especial. Grandes Temas. São Paulo: Duetto, 2011.

¹³ FIORI, José Luís. *O poder global.* São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

¹⁴ FAIRBANK, John; GOLDMAN, Merle. *China-Uma nova história.* Rio Grande do Sul: L & PM, 2008.

¹⁵ KISSINGER, Henry. *Sobre a China.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

tretanto, a China da dinastia Ming recolheu sua frota, restringindo o comércio marítimo e suspendeu relações com as nações estrangeiras.”¹⁶ A configuração do atual cenário econômico-político mundial registra uma hegemonia econômica sino-americana (China-América), segundo Chesnais (2011, p. 23) “Estados Unidos e a China (...) transformaram para eles mesmos a macroeconomia mundial dos anos 2000-2005.”¹⁷ A entrada da China na Organização Mundial de Comércio-OMC em 2001 parece ter sido crucial para que o país ganhasse mais importância na economia global, e nesse contexto, intensificasse o seu processo de sino-internacionalização em escala mundial e de maneira “especial” para a África (e conseqüentemente para Angola, país detentor de grandes reservas de petróleo). Visando à garantia do acesso ao petróleo e a ampliação do mercado para os seus produtos manufaturados a China aproximou-se da África. Abrindo mão de dívidas financeiras de países africanos, os chineses, de acordo com Arrighi (2010), inseriram-se em setores da África que não despertavam o interesse dos investidores ocidentais.¹⁸ A suposta (ou já real) condição de “Centro” da China hoje e suas possíveis implicações a curto e em longo prazo (pela amplitude, complexidade e singularidades do tema) por si já justificariam a elaboração de um estudo. Conforme Furtado (1998, p. 32) “as nações asiático-orientais, em particular a China, são hoje, sem lugar a dúvida, os líderes da nova onda de transformações que estão redefinindo a face do planeta.”¹⁹ Porém, se as dúvidas sobre a relevância do tema “O comércio sino-angolano no esquema Centro-Periferia: enfoque na questão do petróleo” e das conseqüências da “presença” chinesa no continente africano ainda persistirem, destaca-se, a título de estimular mais reflexões, três análises. Atesta Kennedy (1988, p. 453) “a China representa uma força política e estratégica demasiado significativa para ser considerada como um adjunto de Moscou e Washington, ou simplesmente como uma potência intermediária.”²⁰ A-

¹⁶ ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. Rio de Janeiro. Contraponto. p. 217, 2012.

¹⁷ CHESNAIS, François. *A finança mundializada*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2011.

¹⁸ ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2010.

¹⁹ FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

²⁰ KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro. Campus, 1988.

firma Sukup (2002, pp. 82-83) “O ‘comunismo chinês’ (...) sempre foi talvez mais ‘chinês’ do que ‘comunista’. Isto é, nacionalista e herdeiro de uma tradição milenar que considera a China (...) a civilização central da humanidade.”²¹ Conforme Fiori (2007, p. 183) “a velha Europa não tem mais fôlego e os Estados Unidos não têm mais (...) ‘capacidade instalada’, para cuidar do ‘renascimento africano’ (...). O mais provável é que a África negra (ou Subsaariana) acabe se tornando a nova grande fronteira de expansão econômica e política da China (...)”²²

1.2 OBJETIVOS

GERAL

Analisar as assimetrias (típicas de uma relação Centro-Periferia) do comércio sino-angolano (China- Angola) com enfoque na questão do petróleo.

ESPECÍFICOS

- (I) Identificar as motivações da sino-internacionalização (internacionalização chinesa) de mercado.
- (II) Investigar o comércio bilateral sino-angolano.
- (III) Apontar as assimetrias da relação comercial bilateral sino-angolana no contexto de uma economia globalizada (e/ou mundializada).

²¹ SUKUP, Viktor. *A China frente à globalização: desafios e oportunidades*. Revista Brasileira Política Internacional. Volume 45. Número 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292002000200005&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 06/12/2012. Às 22hs 40 min.

²² FIORI, José Luís. *O poder global*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Almejando contemplar os objetivos propostos, a dissertação se apresenta da seguinte forma:

O Capítulo 1, com uma introdução, seguida de uma justificativa, dos objetivos geral e específicos e da estrutura da dissertação. Segue-se a este o Capítulo 2, que trata do referencial teórico. Na sequência, o Capítulo 3, aborda os aspectos metodológicos.

O Capítulo 4, “a ascensão econômica da China”, dividido em três tópicos, inicia com um breve histórico da ascensão econômica da China a partir de 1978, começo da Era Deng; seguido da inserção internacional da China a partir dos anos 2000 e do IDE-Investimento Direto no Exterior chinês; por fim trabalha a demanda da economia chinesa por matérias-primas enfoque na commodity petróleo.

O Capítulo 5, “a economia de Angola”, dividido também em três tópicos, faz inicialmente um breve histórico da economia de Angola partindo de sua reestruturação pós-guerra civil angolana que durou de 1975-2002 chegando até a sua atual conjuntura; depois trata da relevância do petróleo para Angola e da sua primazia na economia do país, e aspectos da pauta comercial angolana.

O Capítulo 6, intitulado “a relação comercial bilateral sino-angolana ‘as assimetrias’”, e dividido em três tópicos, começando com um breve histórico ou contextualização do relacionamento comercial sino-africano (China-África) entre os anos 2000-2011; em seguida analisa a relação comercial bilateral sino-angolana (China-Angola) no mesmo período enfocando a prioridade do petróleo na estratégia chinesa em Angola e o IDE - Investimento Direto no Exterior chinês no setor petrolífero angolano; culminado com as assimetrias da relação comercial sino-angolana, ou seja, a China como centro e Angola como periferia.

Culminando, as considerações finais, onde foram elencadas algumas perspectivas, levantadas as hipóteses e proposições para futuros trabalhos, e abordadas às limitações da dissertação. E as referências bibliográficas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Não é demasiado realçar que este projeto analisa a relação comercial bilateral sino-angolana à luz do esquema “prebischiano” de Centro-Periferia pretendendo identificar nessa os seguintes fatores: primarização da economia, deterioração dos termos de troca; produção de manufaturados; transferência de tecnologia; mercado de trabalho organizado em países centrais e desorganizado em países periféricos; estrutura mais oligopolizada em países centrais contrapondo-se a estrutura mais concorrencial em países periféricos e poder de imposição e colocação (entre outros aspectos). São trabalhados também alguns conceitos imprescindíveis para a compreensão contextualizada do tema, tais como: o fenómeno da globalização (mundialização); as relações comerciais entre países (necessidade de estabelecimento de novas relações comerciais); ideias da CEPAL (Comissão Económica para a América Latina); desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Visando o melhor entendimento do seu conteúdo este referencial teórico foi sistematizado em algumas etapas. A primeira traz considerações sobre a aplicabilidade hoje do esquema Centro-Periferia. A segunda aborda o esquema Centro-Periferia, seguido dos demais temas que contribuem para uma compreensão do comércio bilateral sino-angolano no cenário económico global. A terceira (objetivamente) discute o conceito de “sinocentrismo” (a China como centro do mundo).

O referencial teórico tem início com a proposição de alguns questionamentos, ei-los: Ainda é possível empregar o esquema Centro-Periferia, teoria com base nos estudos (ou ideias) de Raúl Prebisch (um dos pioneiros do chamado desenvolvimentismo e eminente pensador da Comissão Económica para a América Latina-CEPAL), para explicar questões económicas contemporâneas? Ou seja, podemos analisar o comércio sino-angolano com enfoque na questão do petróleo, à luz do pensamento “prebischiano”? A princípio, com relação à aplicabilidade dos conceitos desenvolvidos por Raúl Prebisch nos dias atuais, vejamos o que afirmou (em entrevista concedida a revista Carta Capital) o sociólogo e professor da Universidade de York no Canadá, Edgar J. Dosman, biógrafo de Raúl Prebisch e autor da obra (“Raúl Prebisch (1901-1986): A Construção da América Latina e do Terceiro Mundo”, trabalho elogiado pelo jornal The Economist) após ser questionado se “há espaço hoje para a contribuição de Prebisch à economia”. Atesta Dosman (2011) “Hoje temos uma

economia internacional que é fundamentalmente desequilibrada e vai exigir uma busca de solução ao estilo Prebisch: a reforma global; integração regional; um ‘pacto global’.”²³

Tomando-se ainda como base as palavras de Edgar Dosman, há sim aplicabilidade no esquema Centro-Periferia para a análise (e/ou explicação) de questões macroeconômicas contemporâneas (problemas que na verdade não são tão recentes e que de fato alguns já haviam sido pesquisados em suas origens por Raúl Prebisch). Na mesma entrevista, questionado sobre tema relacionado diretamente ao objeto de estudo deste projeto, a revista Carta Capital pergunta: “A valorização das commodities, bem como a aceleração das economias emergentes, sugere que há chances de a periferia alcançar o centro?”. Afirma Dosman (2011, p. 59),

*Ganhos extraordinários das exportações de commodities são importantes dentro de uma política direcionada à expansão da capacidade tecnológica doméstica e da produção de valor agregado. Pense na Coreia do Sul, país cujo modelo de desenvolvimento refletiu o pensamento de Prebisch com mais precisão.*²⁴

Sobre a contemporaneidade dos conceitos “prebischianos” e em relação a sua aplicabilidade na busca do entendimento de uma possível condição de centralidade da China na economia global contemporânea, segundo Ricupero (2011), a China e outros países asiáticos, seguiu os conceitos “prebischianos”, conseguindo com isso sair de uma condição periférica para uma de “centro”.²⁵ Em síntese, a respeito do legado de Raúl Prebisch e sobre alguns aspectos do esquema Centro-Periferia, de acordo com Furtado (2002), a dicotomia (ou fratura estrutural) centro-periferia foi gerada por uma lenta difusão do progresso técnico, numa dinâmica em que os países produtores e exportadores de matérias-primas estão atrela-

²³ Entrevista concedida por Edgar Dosman a Revista Carta Capital. São Paulo. Edição nº 659, 2011. SIQUEIRA, A. André. *Lições esquecidas: Segundo o biógrafo de Raúl Prebisch, a obra do pensador é negligenciada na América Latina.*

²⁴ Ibidem, 2011.

²⁵ RICUPERO, Rubens. *Prebisch e Furtado: Economistas foram os únicos latino-americanos capazes de elaborar pensamentos originais sobre o desenvolvimento.* Folha de São Paulo, 25 de julho de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2507201104.htm>. Acessado em: 17/12/2012. Às 13hs 20 min.

dos a um centro pela dependência dos recursos naturais (da exportação desses).²⁶ A respeito da Cepal, conforme Dosman (2011, p. 287), “um centro de pesquisa exclusivamente latino-americano, longe da rigidez da Aliança Atlântica. Desde 1945, economistas latino-americanos qualificados tinham tido poucas opções (...)”²⁷

Antes de tratar com mais especificidade do esquema “prebischiano” de Centro-Periferia, faz-se necessário uma abordagem da teoria estruturalista que influenciou de maneira significativa a obra de Raúl Prebisch (expressado na forma de estruturalismo econômico). A teoria estruturalista, atestam Hofmann e Pelaez (2008, p. 7), “ênfatisa a interdependência, as relações internas entre as partes (...) A principal característica deste método é a compreensão do todo como construído a partir destas relações internas entre as partes.”²⁸ Sobre o estruturalismo econômico, afirmam Oliveira e Gennari (2008), que seus precursores conceituaram o subdesenvolvimento como uma das faces da sociedade industrial, que reproduz-se sem limites se sua estrutura (ou suas partes) não forem transformadas.²⁹

Na sequência, encontram-se as abordagens referentes ao esquema Centro-Periferia (e os aspectos inerentes a esse), bem como as ideias “cepalinas” (CEPAL); a Globalização (ou a mundialização); a teoria do desenvolvimento e a teoria da dependência (ambas em síntese); a internacionalização do capital (teoria da internacionalização) e por fim o “sinocentrismo”. Todos os temas têm como fonte de pesquisa diferentes trabalhos que foram citados, comentados e organizados em ordem cronológica. Ressaltando que, no caso do esquema Centro-Periferia, por se tratar do arcabouço teórico do projeto, foi dado a esse naturalmente mais destaque, tendo sido extraídas análises de vários trabalhos distintos.

²⁶ FURTADO, Celso. *Em busca de um novo modelo*. São Paulo: Paz e Terra. pp. 93-94, 2002.

²⁷ DOSMAN, Edgar J. *Raúl Prebisch (1901-1986): A construção da América Latina e do Terceiro Mundo*. São Paulo. Contraponto, 2011.

²⁸ HOFMANN, Ruth M.; PELAEZ, Victor. *A racionalidade na teoria econômica: entre individualismo metodológico e estruturalismo*. 2008. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807020859020-.pdf>. Acessado em: 27/12/2012. Às 10hs 40 min.

²⁹ OLIVEIRA, Roberson De; GENNARI, Anderson Marques. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo Saraiva. p. 282, 2009.

Tem-se o início com as análises de Mello (1994), na primeira ele apresenta uma visão objetiva de alguns aspectos que distinguem uma economia de centro e uma de periferia. Segundo Mello (1994), de um lado encontra-se o centro, economias industrializadas e diversificadas, marcadas por uma propagação tecnológica homogênea. Do outro, encontra-se a periferia, economias com alto grau de especialização, essencialmente exportadoras de produtos primários (alimentos e matérias-primas).³⁰ Na sua segunda análise o autor enfatiza aspectos das economias periféricas (características, formação e implicações das relações comerciais entre os países centrais e os países periféricos), trata de uma mudança no eixo econômico-político mundial na transição do século XIX para o XX (ou da transição de um “anglocêntrismo”, a Inglaterra como o centro, para um modelo “americanocêntrico”, os Estados Unidos da América como um centro econômico e político do mundo) e no fim aborda os fatores que motivam a deterioração dos termos de troca. De acordo com Mello (1994, p. 15),

*as economias periféricas enquanto exportadoras de produtos primários (mais tarde se diria: na etapa do desenvolvimento para fora) não dispõem, assim de comando sobre seu próprio crescimento, que, ao contrário, depende, em última instância, do vigor da demanda cêntrica. A demanda por produtos primários, exercida pelo centro, após o rápido auge do comércio internacional que vai, digamos, de 1884 a 1914, e marca o nascimento das economias periféricas, teria revelado pouco dinamismo, por duas razões: devido ao crescimento econômico relativamente lento dos países centrais e à queda de seu coeficiente global de importações, decorrente do deslocamento da hegemonia cêntrica da Inglaterra e dos Estados Unidos. As consequências desta frouxidão da demanda são mais graves quando nos recordamos que (...) a lentidão com que o desenvolvimento industrial do centro vai absorvendo o excesso real ou potencial de população ativa dedicada à produção primária (na ausência de mobilidade internacional de mão-de-obra) está na raiz da deterioração das relações de troca das economias periféricas.*³¹

Na terceira análise do autor a dicotomia entre o centro (detentor do conhecimento tecnológico necessário para a manutenção e ampliação do seu desenvolvimento econômico) e a periferia (que para o autor, não detém um conhecimento técnico mais intenso e imprescindí-

³⁰ MELLO, João Manuel Cardoso De. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense. p. 15, 1994.

³¹ *Ibidem*, 1994.

vel para um desenvolvimento econômico seguro) é novamente realçada. Em síntese, conforme Mello (1994) há uma concentração dos resultados do progresso técnico nos países do centro que se beneficiam ante os países da periferia.³² Por fim, o autor aborda as consequências do desenvolvimento tecnológico tanto para o centro quanto para a periferia. De acordo com Mello (1994, p. 19), “o progresso técnico traz consigo o desemprego, como nos centros, mas a demanda de bens de capital a ele inerente não se manifesta na periferia, à falta de indústrias de bens de capital.”³³

A primeira análise de Goldenstein (1994) trata de uma fase inicial das discussões sobre a questão do desenvolvimento (de acordo com a autora dá-se aí a origem da teoria do desenvolvimento) de onde conseqüentemente foram criadas às bases para a formulação do esquema Centro-Periferia. Atesta Goldenstein (1994, p. 9),

*introduzindo pela primeira vez os conceitos de centro e periferia, Prebisch os define a partir da noção de desenvolvimento econômico, vinculada ao progresso técnico. Do centro fariam parte às economias nas quais não só as técnicas capitalistas de produção penetraram primeiro, como se difundiram homogêneas para todos os setores produtivos, e da periferia, as economias que ainda usavam técnicas atrasadas de produção. Além de diferentes, originariamente, centro e periferia manter-se-iam enquanto tais devido ao fraco dinamismo de seu setor exportador que inviabilizaria elevadas taxas de crescimento e, mais ainda, devido às relações estabelecidas entre estes dois polos, definidas por uma ‘deterioração dos termos de troca’ que através da alta dos preços dos produtos manufaturados e baixa dos primários permitiria aos países centrais não só reterem o fruto de suas inovações tecnológicas como ainda captarem parte do gerado na periferia.*³⁴

A segunda análise da autora trata da questão dos mercados oligopolizados (característicos das economias centrais), aborda novamente a deterioração dos termos de troca destacando tanto a condição do centro (que fica com os benefícios dessa) quanto da periferia (que sofre

³² MELLO, João Manuel Cardoso De. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense. p. 15,1994.

³³ *Ibidem*. p. 19,1994.

³⁴ GOLDENSTEIN, Lúcia. *Repensando a Dependência*. Universidade Estadual de Campinas-Instituto de Economia. Tese de doutorado. Campinas, 1994. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000076927&fd=y>. Acessado em 10/12/2012. Às 20hs 20 min.

com as implicações negativas dessa). Afirma Goldenstein (1994), que Prebisch, ao desenvolver a “tese” da deterioração dos termos de troca, indica que os mercados oligopolizados e os sindicatos dos países centrais não permitem que os ganhos de produtividade, com base no progresso tecnológico, sejam transferidos para os preços das manufaturas, que enfim permaneceriam altos. Quanto às matérias-primas (ou produtos primários) dos países periféricos, essas sofreriam uma pressão para que baixassem, forçando tais economias a transferirem seus ganhos de produtividade aos países centrais.³⁵ Concluindo, a autora trata das implicações da primarização da pauta comercial dos países periféricos exportadores de matérias-primas, aborda as consequências da deterioração dos termos de troca e conclui versando sobre como as economias periféricas podem mudar suas realidades. Segundo Goldenstein (1994), ao especializarem-se na produção de produtos primários, os países periféricos estariam condicionados a deterioração dos termos de troca seja por causa da restrita capacidade de absorção de produtos agrícolas e matérias-primas dos países centrais, seja pelo desenvolvimento tecnológico desses que possibilita a substituição por produtos sintéticos. A industrialização dos países periféricos seria a alternativa mais adequada para que logrem o crescimento e o desenvolvimento econômico.³⁶ Por fim na análise de Tavares (1996), destaca-se também a questão do monopólio sobre o conhecimento tecnológico, fato que a princípio beneficiaria as economias centrais em detrimento das periféricas. De acordo com Tavares (1996, p. 63),

*a difusão do progresso técnico e a distribuição de seus frutos têm sido restritas em termos de países, empresas e pessoas incorporadas (...) as economias centrais guardaram para si os avanços científicos e tecnológicos, os núcleos de expansão e diversificação produtiva, os fluxos de comércio e de capitais. Todo processo de desenvolvimento dos centros em áreas concêntricas de circularidade virtuosa, com exclusão e deterioração das relações com a periferia (...).*³⁷

³⁵ GOLDENSTEIN, Lúcia. *Repensando a Dependência*. Universidade Estadual de Campinas-Instituto de Economia. Tese de doutorado. Campinas. p. 9, 1994. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000076927&fd=y>. Acessado em 10/12/2012. Às 20hs 20 min.

³⁶ Ibidem. p. 10, 1994.

³⁷ TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. *Desajuste global e Modernização Conservadora*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Em outra obra de João Manuel Cardoso de Mello verifica-se o que vem a ser basicamente uma economia de centro, o autor elenca de maneira objetiva três tipos de controle que a caracterizam. Conforme Mello (1997, p. 16) “creio que poderia definir Centro capitalista por três tipos de controles: o primeiro (...) o poder financeiro; o segundo (...) o poder industrial; o terceiro (...) em última instância o controle das armas.”³⁸ O autor também elenca três elementos que caracterizam uma economia de periferia, além de tratar (em síntese) de aspectos sociais de um país periférico. Atesta Mello (1997), que a produção de alimentos e matérias-primas é uma forma específica de subordinação econômica. Já a não autonomia do sistema produtivo, as vulnerabilidades monetária e financeira, e a sujeição político-militar são de fato elementos característicos dos países periféricos. O corte social é outro aspecto típico da periferia, com uma parte pequena da população beneficiando-se de privilégios característicos de países desenvolvidos, e a grande maioria vivendo a margem de tais privilégios.³⁹

O fator progresso tecnológico (o controle sobre as formas de alcançá-lo, bem como de disfrutar de suas benesses) é tema presente em parte considerável das análises apresentadas. No entanto, Young e Lustosa (2003) tratam das implicações geradas pela concentração do progresso tecnológico tanto para o centro quanto para a periferia. Afirmam Young e Lustosa (2003), que o progresso tecnológico é fundamental para entender as assimetrias entre o centro e a periferia. Destacando que não há uniformidade na difusão desse e por consequência na distribuição dos seus benefícios, permanecendo ambos concentrados nos países do centro. Os autores destacam que Prebisch fundamentou seus estudos na análise das desigualdades entre os países produtores de manufaturas (os países do centro) e os países produtores exportadores de produtos primários (os países da periferia).⁴⁰

³⁸ MELLO, João Manuel Cardoso De. *A contra-revolução liberal conservadora e a tradição crítica latino-americana. Um prólogo em homenagem a Celso Furtado*. Extraído do livro: Poder e dinheiro-uma economia política da globalização. Rio Janeiro: Vozes, 1997.

³⁹ Ibidem. p.18, 1997.

⁴⁰ YOUNG, Carlos Eduardo Frickmann; LUSTOSA, Maria Cecília Junqueira. *A questão ambiental no esquema centro-periferia*. Economia, Niterói (RJ), volume 4, n ° 2, Julho / dezembro. p. 204, 2003. Disponível: http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p201_221.pdf. Acessado em 14/12/2012. Às 19hs 00 min.

A análise de Couto (2007) traz (em síntese) as posições de Prebisch no que se refere ao comércio exterior (em favor de um multilateralismo) e no que diz respeito ao processo de industrialização das economias periféricas. Segundo Couto (2007, p. 52),

*Prebisch considerava o comércio exterior um dos elementos propulsores do desenvolvimento econômico. A industrialização exigia novas importações de bens de capital e insumos que, para pagá-los, necessitava de exportações. Porém, devido à baixa capacidade para importar da periferia, a composição das importações deveria ir sendo modificada, substituindo as importações supérfluas pelas essenciais ao desenvolvimento. Prebisch era a favor do multilateralismo, onde cada país poderia comprar e vender nos melhores mercados; no entanto, a falta de divisas, e não uma questão doutrinária levou os países a praticarem o controle de câmbio e o comércio discriminatório. É no texto de 1950 que Prebisch começa a defender medidas protecionistas para estimular a industrialização periférica, devido ao seu maior custo de produção.*⁴¹

Concluindo as análises a respeito do esquema Centro-Periferia com Oliveira e Gennari (2008) que, da mesma forma que os autores citados anteriormente, destacam a ideia de que as economias periféricas não detêm o conhecimento sobre a tecnologia moderna, eles afirmam que esse (o conhecimento tecnológico moderno) na verdade permaneceria restrito aos setores exportadores dessas economias (como efeito da primarização). Ambos abordam ainda aspectos como produtividade (baixa produtividade), poupança e consumo das economias periféricas. De acordo com Oliveira e Gennari (2008, p. 290),

*Na periferia, como já foi indicado, o emprego da tecnologia moderna permanece restrito ao setor exportador, as inovações não se propagam pelos demais setores, mantendo a economia com baixo grau de integração e complementaridade. A baixa produtividade dos setores não exportadores, somando a propensão ao consumo de luxo, determina um baixo nível de poupança. Numa economia desse tipo, surgem diversas dificuldades para a difusão do progresso técnico.*⁴²

⁴¹ COUTO, Joaquim Miguel. *O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch*. Economia e Sociedade, Campinas, volume 16, n.º 1 (29), abril de 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-06182007000100003&script=sci_arttext. Acessado em: 13/12/2012. Às 23hs 00 min.

⁴² OLIVEIRA, Roberson De; GENNARI, Anderson Marques. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo Saraiva, 2009.

Duarte e Graciolli (2006) fazem uma breve contextualização histórica a respeito da CEPAL, observando também os temas teoria do desenvolvimento e teoria da dependência. Conforme Duarte e Graciolli (2006), a teoria do desenvolvimento se propôs identificar os obstáculos ao crescimento e desenvolvimento da América Latina. É nesse contexto que surge a CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina, cujo objetivo era fomentar uma base institucional que contribuísse para o processo de industrialização da região que deveria ser orientado essencialmente pelo Estado. Enfim, uma alternativa ao modelo capitalista vigente à época, incapaz de replicar na América latina experiências exitosas de desenvolvimento.⁴³ Na sequência, os autores tratam (em síntese) da Teoria do Desenvolvimento que, essencialmente busca explicar as motivações das diferenças entre os países desenvolvidos e os países subdesenvolvidos. Os autores também destacam o processo de industrialização (em níveis distintos entre os países centrais e periféricos). Atestam Duarte e Graciolli (2006), que a Teoria do Desenvolvimento entende o crescimento e o desenvolvimento econômico de um país enquanto uma sequência evolutiva. Ou seja, os países industrializados, por terem atingido o pleno desenvolvimento do seu aparelho produtivo, situam-se no nível superior dessa sequência. Enquanto os pré-industriais (ou subdesenvolvidos) se encontrariam num nível inferior dessa sequência evolutiva.⁴⁴ Silva (2005) também analisa (em síntese) a Teoria da Dependência, e observa a condição dos países periféricos ante os países centrais. Afirma Silva (2005), que a Teoria da Dependência representa uma relevante contribuição conceitual dos países em desenvolvimento para as ciências sociais (com ênfase para a econômica) que influenciou inclusive teóricos de países desenvolvidos. Ressaltando que a Teoria da Dependência tem como foco a economia dos países periféricos (entre outros aspectos), tomando como a base a relação desses com os países desenvolvidos (ou centrais).⁴⁵ Em segui-

⁴³ DUARTE, Pedro Henrique Evangelista; GRACIOLLI, Edílson José. *A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub) desenvolvimento na América Latina*. UFU-Universidade Federal de Uberlândia. p. 1, 2006. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessao4/Pedro_Duarte.pdf. Acessado em: 14/12/2012. Às 18hs 00 min.

⁴⁴ Ibidem. p. 2, 2006

⁴⁵ SILVA, Gustavo Javier Castro. *A teoria da dependência: reflexões sobre uma teoria latino-americana*. pp. 1-2, 2005. Disponível em: http://www.unieuro.edu.br/downloads_2005/hegemonia_03_04.pdf. Acessado em: 02/01/2013. Às 17hs 00 min.

da, Silva (2005), traz uma explicação objetiva sobre aspectos da Teoria da Dependência. Segundo Silva (2005, p. 3),

*a Teoria da Dependência, numa síntese apertada, afirma que a unidade nacional ou regional somente pode ser entendida em conexão com sua inserção no sistema político-econômico mundial. Em outras palavras, a economia dos países periféricos está condicionada pelo desenvolvimento e expansão das economias dos países centrais. Também é fundamental ter em consideração o momento e a forma na qual se realiza a inserção no sistema capitalista global e as análises das características específicas internas das sociedades dependentes.*⁴⁶

Na última análise do autor, com enfoque na América Latina, dá-se um destaque aos fatores domésticos (inerentes às economias periféricas) que incidem sobre a relação de dependência entre os próprios países periféricos e os países centrais. De acordo com Silva (2005), a dependência dos países periféricos se dá por outros fatores além dos externos. Ou seja, a dependência dos países periféricos é também determinada por condições internas, como a incapacidade (ou de interesse) das elites nacionais de propor modelos alternativos de desenvolvimento, sendo essas (as elites) também dependentes.⁴⁷

Com Chesnais (2011), a princípio, configura-se uma análise sobre o êxito econômico da China e do papel que ela desempenha no comércio mundial recente. Conforme Chesnais (2011, pp. 14 -15),

*o sucesso do modelo asiático de crescimento acelerado e graduação tecnológica. (...) a rápida industrialização da China e dos países do Sudeste Asiático está deslocando uma fração importante da demanda global para os produtores de matérias-primas e alimentos. (...) O bloco industrializado da Ásia, sobretudo a China, funciona como uma engrenagem de transmissão entre a demanda gerada nos Estados Unidos e a oferta das economias 'exportadoras de recursos naturais.*⁴⁸

⁴⁶ SILVA, Gustavo Javier Castro. *A teoria da dependência: reflexões sobre uma teoria latino-americana*. 2005. Disponível em: http://www.unieuro.edu.br/downloads_2005/hegemonia_03_04.pdf. Acessado em: 02/01/2013. Às 17hs 00 min.

⁴⁷ Ibidem. p. 4, 2005.

⁴⁸ CHESNAIS, François. *A finança mundializada*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2011.

Na sequência, o autor trata da demanda chinesa por matérias-primas (ou dos países de capitalismo tardio), culminado com as implicações do crescimento econômico chinês. Atesta Chesnais (2011), que o aumento da demanda por matérias-primas dos países de capitalismo tardio, norteados pela China e potencializado pelo consumo de uma grande massa de chineses (mais de um bilhão de habitantes), pode gerar sérias implicações, como o desperdício de recursos naturais.⁴⁹ A análise do autor sobre as economias periféricas (exportadoras de matérias-primas) que mantenham uma relação de dependência da demanda chinesa não é de fato otimista. Afirmar Chesnais (2011), o aumento dos preços do petróleo incitado pelo crescimento econômico da China gerou excedentes comerciais aos países exportadores dessa commodity, mas em um longo prazo, tais vantagens podem se transformar em problemas, já que são tais países economias “frágeis”.⁵⁰

As análises referentes à globalização (e/ou mundialização) caracterizam-se pela criticidade a mesma e tratam da polarização (entre os países industrializados e periféricos) produzida por esse fenômeno. Uma realidade em que os países centrais ainda beneficiam-se mais do que os países periféricos sobre os quais se perpetuam sérias implicações. Segundo Fiori (1997), um desenvolvimento excludente e heterogêneo consolidou-se através da globalização, que se traduz como um utopia ou projeto capitalista, que tem sua força também potencializada por uma falsificação da realidade.⁵¹

As críticas de Tavares (1999) recaem sobre as implicações da globalização que para a autora encontra nos Estados Unidos da América o seu maior beneficiário. De acordo com Tavares (1999), a globalização caracteriza-se por um conjunto de políticas atreladas aos interesses hegemônicos dos Estados Unidos da América sobre os seus competidores e parceiros. Porém, a sua evolução não representa necessariamente o fim do Estado-Nação, pelo contrário, sua força, predatória e de especulação patrimonialista, só pode ser contida pelo poder de intervenção estatal.⁵² Em seguida, a autora defende que os países desenvolvidos de

⁴⁹ CHESNAIS, François. *A finança mundializada*. p. 24, São Paulo. Boitempo Editorial, 2011.

⁵⁰ *Ibidem*, 2011.

⁵¹ FIORI, José Luís. *Poder e dinheiro-uma economia política da globalização*. Rio Janeiro. p. 88, 1997.

⁵² TAVARES, Maria da Conceição. *Destruição Não Criadora-memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada*. Rio de Janeiro: Record. pp. 23-24, 1999.

fato têm-se beneficiado mais do processo de globalização do que os países com menor grau de desenvolvimento (ou subdesenvolvidos). Conforme Tavares (1999), a desregulação global dos investimentos faria com que a maior parte dos setores e serviços essenciais passassem para o controle desses investidores, sem a garantia de renovação dos investimentos e tampouco de melhoria da realidade social.⁵³ O tom de crítica à globalização, semelhante aos empregados por Fiori (1997) e Tavares (1999), é também utilizado por Belluzzo (2004). Atesta Belluzzo (2004, pp. 85-87),

*são muitos os que defendem desde uma posição supostamente 'científica', a inevitabilidade de uma inserção passiva das economias nacionais no chamado processo de globalização. Dois pressupostos estão implícitos nesta formulação: 1. A globalização conduzirá a homogeneização das economias nacionais e à convergência para um modelo anglo-saxão de mercado; 2. Esse processo ocorre de forma impessoal, acima da capacidade de reação das políticas decididas no âmbito dos Estados nacionais. (...) O que é decisivo para a autonomia das políticas nacionais é a forma e o grau de dependência em relação aos mercados financeiros sujeitos à instabilidade das expectativas.*⁵⁴

Por fim, o autor destaca concepções distintas sobre o fenômeno da globalização. Afirma Belluzzo (2004), que a globalização (a palavra) sintetiza algumas tendências centrais, são elas: a homogeneização do espaço econômico ditada pelo mercado, e a padronização dos aspectos institucionais e socioculturais. O embate ideológico entre liberais, que acreditam que só a universalização do mercado pode manter os indivíduos livres dos déspotas políticos, e os marxistas, que creem na ação dos produtores diretos (o proletariado) como meio de domesticar o expansionismo capitalista e suas implicações.⁵⁵

Em duas análises Padilha, Lima e Leite (2010) tecem críticas à globalização destacando tanto suas nocivas implicações (a exclusão dos países da periferia que a globalização engendra) quanto o processo de financeirização. Segundo Padilha, Lima e Leite (2010), por

⁵³ TAVARES, Maria da Conceição. *Destruição Não Criadora-memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada*. Rio de Janeiro: Record. p. 98, 1999.

⁵⁴ BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. *Ensaio sobre o capitalismo-Globalização e inserção nacional*. São Paulo: Editora UNESP/UNICAMP – Instituto de Economia. 2004.

⁵⁵ *Ibidem*. pp. 93-94, 2004.

ter um caráter discriminatório, a globalização incita tanto a desintegração regional quanto a exclusão socioeconômica de áreas periféricas. É através de sua face financeira (a financeirização), norteadada pela valorização do capital meramente especulativo (ou rentista), preterindo o capital produtivo (aquele que de fato é necessário para promover o real crescimento e desenvolvimento econômico dos países pobres), que a globalização tem se consolidado.⁵⁶ Em seguida, os mesmos autores (2010), tratam de mais consequências da globalização sobre os países do centro e os periféricos (com ênfase para os últimos). De acordo com Padilha, Lima e Leite (2010, pp. 13-14),

(...) a globalização apresenta-se como excludente, tendo como alvo de exclusão a mão-de-obra abundante e desqualificada de economias centrais e periféricas, impactando mais fortemente estas últimas pela extrema desigualdade e pobreza já existentes. Em termos geopolíticos mundiais, países inteiros e até continentes, como o africano, também são deixados de fora do movimento global, tendo maiores dificuldades de superar o subdesenvolvimento de suas economias perante o crescimento da concorrência dos mercados. Estas áreas são tidas como sendo de extrema pobreza ou peso morto para o comércio global, e não economias destinadas ao desenvolvimento, desconsiderados enfim pelos capitais mundiais.⁵⁷

Com Plihon (2007) temos uma análise dos processos de mundialização, globalização financeira e IDE (Investimentos Diretos no Estrangeiro) e suas implicações sobre os Estados nacionais (e suas economias). Conforme Plihon (2007, pp. 1-2), a mundialização dá-se através de alguns processos (ou dimensões), são eles: o primeiro, que se caracteriza pela abertura das economias nacionais (a dimensão internacional); o segundo, o dos fatores de produção (e a mobilidade desses); o terceiro e o mais relevante deles, o da mobilidade de capitais ou globalização financeira (dimensão multinacional). Em síntese, a mundialização promove a re-

⁵⁶ PADILHA, Maria Fernanda Freire Gatto; LIMA, João Policarpo R.; LEITE, André. *Capitalismo Contemporâneo, Estado e Desenvolvimento*. Economia e Desenvolvimento. Recife (PE), v. 9, nº 1. p. 10, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/economia/article/view/10282/5639>. Acessado em: 15/11/2012. Às 22hs 00 min.

⁵⁷ *Ibidem*, 2010.

ção dos limites entre territórios e economias nacionais, integrando os seus mercados.⁵⁸

Com Rodrik (2002) verifica-se uma crítica ao neoliberalismo enquanto modelo que deixou lacunas quando se trata da questão desenvolvimento econômico mundial, e conclui-se a abordagem sobre a problemática da globalização. Atesta Rodrik (2002), que o neoliberalismo fracassou em proporcionar o desenvolvimento econômico equilibrado de que o mundo precisa, bem como não permite que países em desenvolvimento tenham autonomia econômica para construir suas próprias alternativas.⁵⁹

Arrighi (2010) trata da relação de dependência entre as economias da China e dos Estados Unidos da América e de mudanças na configuração geoeconômica mundial ainda sob forte influência de ambos os países, mas já sentindo as consideráveis implicações do “efeito China”. Enfim, a possível configuração de um mundo “sinocêntrico” em substituição a uma realidade onde os Estados Unidos da América ainda é a economia hegemônica. Afirma Arrighi (2010) que a China não é subserviente aos Estados Unidos da América, e mesmo num cenário em que as indústrias chinesas ainda dependam das exportações norte-americanas, a economia dos Estados Unidos da América de forma análoga, depende tanto da importação de produtos baratos oriundos da China quanto da compra dos seus títulos do tesouro também pelos chineses. Para o autor, a China vem substituindo os Estados Unidos da América como o principal motor da economia mundial.⁶⁰

Com este referencial teórico, almejou-se construir um encadeamento de conceitos (e breves análises a respeito dos mesmos) que proporcionassem a pesquisa mais segurança na abordagem crítica e objetiva da relação comercial bilateral sino-angolana. Empregando-se os

⁵⁸ PLIHON, Dominique. *A Globalização Financeira. Colóquio Pobreza, Dívida Externa e as Três Instituições Irmãs: FMI, Banco Mundial e OMC. Ciclo “África Começou Mal, África Está Mal: A Tragédia Africana”*. Faculdade de Economia Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em: http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/doc_06_07/dominique_plihon.pdf. Acessado em: 16/12/2012. Às 18hs 30 min.

⁵⁹ RODRIK, Dani. *Depois do Neoliberalismo, o quê? Palestra: Desenvolvimento e Globalização: Perspectivas para as nações*. pp. 280-281, 2002. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_debate/1DesenvGlob.pdf. Acessado em 15/12/2012. Às 19hs 40 min.

⁶⁰ ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo. Boitempo Editorial. pp. 23-24, 2010.

instrumentos acadêmicos disponibilizados e que possibilitam situar o tema no contexto histórico e econômico-político em que se desenvolve.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Buscando de forma crítica o entendimento do relacionamento comercial bilateral sino-angolano (com enfoque na questão do petróleo), este projeto foi realizado com embasamento em diversas referências (essencialmente referências bibliográficas e eletrônicas) possíveis de acessar, tais como: sites (ou sítios) de internet, revistas especializadas, artigos, monografias, dissertações, teses e livros, todas de forma equânime relevantes para sua elaboração.

Quanto aos critérios da seleção bibliográfica, foram seguidas as sugestões dos professores orientadores do trabalho. Sendo reunida uma literatura tanto de tom crítico quanto uma que identifica aspectos positivos na relação comercial multilateral que a China mantém com a África, ressaltou-se foram confrontadas. De forma gradativa foi dado destaque ao tipo de relação comercial que a China mantém com Angola e as assimetrias dessa. No entanto, sobre o tema comércio bilateral sino-angolano foram encontrados poucos trabalhos o que caracteriza certo ineditismo do mesmo, se não como objeto de estudo, como forma de abordagem ou arcabouço teórico empregado, o esquema “prebischiano” Centro-Periferia.

A título de contextualização, foi necessária uma abordagem de caráter histórico-econômica e política com base num levantamento bibliográfico a respeito das histórias da China e de Angola. Foi identificado que não há um consenso entre os críticos ou fontes a respeito do comércio sino-africano tampouco sobre a relação comercial sino-angolana.

O modelo econômico capitalista em sua fase globalizada (ou mundializada), entre outros aspectos correlacionados, ao qual o comércio sino-angolano naturalmente está vinculado, também foi pesquisado, com o emprego de fontes que se norteiam pela crítica as suas implicações desse modelo no mundo contemporâneo.

Um entendimento claro das relações comerciais bilaterais sino-africanas (e sino-angolanas) nos leva a um esforço de compreensão histórica do processo de colonização e descolonização, suscitando positivamente questionamentos (gerais e específicos), tais como: 1) As implicações do período colonial e neocolonial ainda comprometem o desenvolvimento da África hoje?; 2) As consequências do colonialismo português juntamente com a guerra civil (1975-2002) permanecem debilitando a economia angolana?; 3) A China reproduz na África (e em Angola especificamente) a mesma postura dos países ocidentais (colonialistas ou neocolonialistas, ou centrais) dos séculos XIX e XX? Busca-se com isso fundamentos

históricos imprescindíveis para a construção de uma análise crítica das relações comerciais China-África (e é claro China-Angola) na primeira década deste século.

4. A ASCENSÃO ECONÔMICA DA CHINA

Disposto em três tópicos ilustrados com gráficos temáticos, verifica-se neste capítulo o processo de ascensão econômica da China, ou seja, a forma como esse se deu e suas implicações. O primeiro tópico (Um breve histórico da ascensão econômica da China) trata dos principais aspectos da trajetória de crescimento econômico ininterrupto da China tomando como ponto de referência as reformas iniciadas na Era Deng (a partir de 1978); o segundo tópico (A inserção internacional da China a partir dos anos 2000 e o IDE-Investimento Direto no Exterior chinês) aborda o processo de internacionalização da economia chinesa e como consequência desse o seu fluxo de investimento no mercado externo; o terceiro e último tópico (A demanda chinesa por matérias-primas com enfoque na demanda por petróleo) versa a respeito da dependência da economia chinesa por matérias-primas com ênfase na sua dependência da importação de petróleo.

4.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ASCENSÃO ECONÔMICA DA CHINA

Nos últimos anos tornaram-se mais constantes (e /ou evidentes) as pesquisas relacionadas ao potencial (e peculiaridades) da economia da RPC (República Popular da China), tal incidência deve-se naturalmente ao fato de que a China, em pouco mais de trinta anos, transformou-se numa das principais economias do mundo contemporâneo. A história da China é longa (vai há milênios antes da Era Cristã). Segundo Pomar (1987), a civilização chinesa é uma das mais antigas, pois há mais de 4 mil anos inventou a sua escrita, tendo nesse mesmo contexto desenvolvido a pecuária e a agricultura.⁶¹

Em síntese, houve um período imperial, por sinal o mais longo; depois o republicano, de pouca duração; e desde 1949 (criação da RPC-República Popular da China) até os dias atuais, o período “comunista”, fortemente marcado pelo maoísmo, fase em que o líder Mao Tsé - Tung esteve no poder, tendo as “Grandes Fomes” e a “Revolução Cultural” como os pontos

⁶¹ POMAR, Wladimir. *O Enigma Chinês-Capitalismo ou Socialismo*. Editora Alfa-Ômega. São Paulo. p. 25,1987.

mais críticos. Após o maoísmo, o destaque é para as “reformas” promovidas gradativamente por Deng Xiaoping e seus sucessores que inseriram a China na economia globalizada e/ou mundializada. Sua proeminência teve historicamente como ponto de partida as reformas promovidas pelo líder político Deng Xiaoping que, a partir de 1978, guia o país na busca por alternativas viáveis ao obscurantismo político-econômico em que foi enredada a China anteriormente, no período maoísta (período em que Mao Tsé - Tung liderou a China entre os anos de 1949 e 1976, na verdade uma complexa e tortuosa etapa da história chinesa recente). A respeito das reformas promovidas por Deng Xiaoping (e continuada por seus sucessores), são encontradas várias análises (ou fontes que fazem menções que a mesma), sendo à maioria delas convergentes no que se refere ao reconhecimento do relevante papel desempenhado por Deng na condução da China rumo ao desenvolvimento contínuo e de longo prazo, com altas taxas de crescimento e com expectativas reais de que a RPC (República Popular da China) alcance o status de grande potência econômica (e político-militar também) ainda na primeira metade do século XXI (por volta de 2050). De acordo com Andrade (2006), a “política de portas abertas” promovida por Deng Xiaoping, na verdade profundas reformas de caráter capitalista, levaram a China ao caminho do desenvolvimento econômico, no entanto, tais avanços não foram estendidos ao campo político, que de fato permanece sob o comando do PCC-Partido Comunista Chinês.⁶² O rompimento gradativo com o passado de maoísmo, ao menos no que se refere ao modelo econômico aplicado, foi à opção de Deng Xiaoping e do PCC para conduzir o país rumo ao crescimento e desenvolvimento econômico estável (ou sustentável). Conforme Souza (2007, p. 183), “A atual etapa da China é globalmente uma ruptura com o período maoísta. (...) inegavelmente, sobretudo quando se observa o conjunto das mudanças operadas desde 1978 e os resultados sistêmicos verificáveis (...).”⁶³

⁶² ANDRADE, Daniel Caixeta. *Fatores condicionantes do crescimento econômico de longo prazo na China: Aspectos teóricos e investigação empírica*. Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Dissertação de mestrado. Uberlândia. pp. 34-35 2006. Disponível em: <http://www.nea.ie.ufu.br/dissertacoes/01.pdf> Acessado em 05/01/2013. Às 03hs 30 min.

⁶³ SOUZA, Antônio Renildo Santana. *As relações entre a reforma do Estado e a dominação do capital na China: As transformações pós-1978*. Universidade Federal da Bahia-UFBA. Escola de Administração. NPGA-Núcleo de Pós-Graduação em Administração. Tese de doutorado. Salvador, 2007. Disponível em: http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/tese_antonio.pdf. Acessado em: 04/12/2012. Às 23hs 30 min.

Sem dúvidas, o fim do período maoísta e a chegada de Deng Xiaoping ao poder criaram uma “nova” China, tal transformação socioeconômica, que não abrangeu o universo político em suas bases, pode ser identificada no aspecto redução da pobreza (extremamente significativos para a China e de forma geral). Atesta Moraes (2011, p. 58) “400 milhões de pessoas ultrapassaram a linha de pobreza na China em 20 anos (entre 1981 e 2001). Numa escala mundial, e em idêntico período, também 400 milhões de pessoas ultrapassaram”.⁶⁴ As transformações socioeconômicas vivenciadas pela China pós 1978, traduzidas pelos números expostos (em síntese na citação acima), revelam além de consideráveis avanços naquele país, um potencial demográfico que não encontra semelhante (somente a Índia é o país que, em aspectos demográficos, mais se aproxima da China no mundo contemporâneo. O imenso contingente de chineses caracteriza mesmo tempo numa considerável força de trabalho disponível além de ser também um enorme mercado consumidor almejado pelo mundo capitalista). Entre 1961-1977 o PIB da China vivenciou significativas oscilações. No entanto, entre 1979 e 2009, o PIB experimenta uma média de crescimento de 10 % ao ano, o que caracteriza bem a pujança da economia chinesa (cf. Figura 1). Ressalte-se, que a partir de 1978, Deng Xiaoping implementou as reformas que permitiram a ascensão econômica do país.

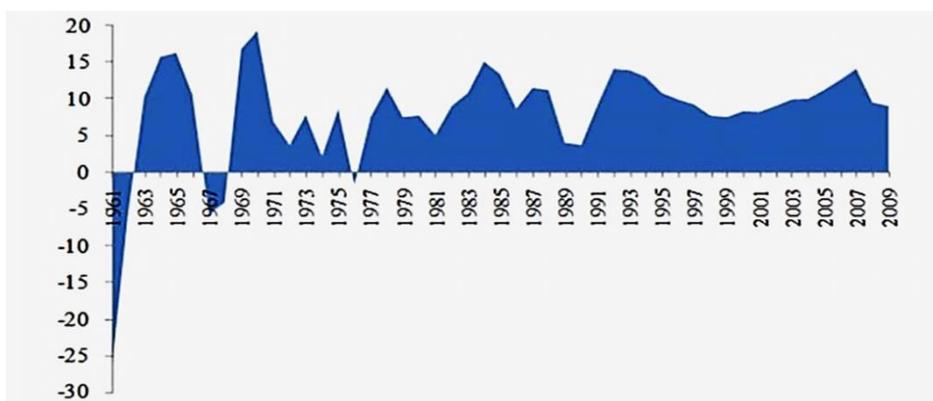


Figura 1 - Crescimento do PIB da China de (1961-2009, % ao ano)

Fonte: CUNHA, André Moreira. A China e o Brasil na nova ordem internacional. p.17, (2011).

⁶⁴ MORAIS, Isabela Nogueira De. *Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea*. Universidade Federal do Rio Janeiro-UFRJ. Instituto de Economia-IE. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://marcosocosta.files.wordpress.com/2011/03/isabela_densenvol_e_distr_na_china_tese_0.pdf. Acessado em: 04/01/2013. Às 00hs 30 min.

Na história econômica do mundo “não há nada similar” ao fenômeno do crescimento econômico chinês (levando-se em consideração diversos fatores e peculiaridades) vivido num curto espaço de tempo curto da segunda metade do século XX (entre 1978 e 2001 “consolidase” a ascensão chinesa). Afirma Leite (2011, p.1), “um caso totalmente distinto de tudo aquilo que foi (...) estudado pelas mais diversas áreas do conhecimento que buscam compreender (...) os porquês e as consequências de um período de longa transformação (...)”⁶⁵ Ressaltando que, mesmo tendo levado a China ao patamar de importante agente econômico global, as reformas não ficaram totalmente isentas de determinada influência do período maoísta (Mao Tsé - Tung), além de estarem de fato ainda sob a égide do centralizador do PCC (Partido Comunista Chinês). Segundo Morais (2011, p. 54) “o quarteto que governa a China a partir do final da década de 70 até 1989, (...) é composto por quase os mesmos nomes que formularam a NEP sob o maoísmo e parte das políticas do Grande Salto Adiante.”⁶⁶

Tal afirmação (supracitada) parece reforçar a ideia de que a flexibilização econômica da China (ou as reformas) desde o início não iriam abranger a questão política e parecem que nos dias atuais não há perspectivas de transformações políticas mais profundas, ou seja, a China tem dado sinais de que não será tão flexível (ou “liberal”) na política como é na economia. As consequências negativas do maoísmo são até hoje difíceis de dimensionar. De acordo com Nunes (2009, p. 24) “Mao deixara a China à beira do abismo econômico e social. (...) O subdesenvolvimento era notório nas condições da população, nas infraestruturas (de transportes, fornecimento de energia e água), na tecnologia e na educação.”⁶⁷ As reformas promovidas não se deram de forma abrupta, ao contrário, elas cumpriram uma trajetória de etapas estrategicamente planejadas (algo ainda característico na China atual).

⁶⁵ LEITE, Alexandre César Cunha. *O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Tese de doutorado. São Paulo, 2011. Observação: Texto recebido do autor em 25/08/2011.

⁶⁶ MORAIS, Isabela Nogueira De. *Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea*. Universidade Federal do Rio Janeiro-UFRJ. Instituto de Economia-IE. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://marcosocosta.files.wordpress.com/2011/03/isabela_densenvol_e_distr_na_china_tese_0.pdf. Acessado em: 04/01/2013. Às 00hs 30 min.

⁶⁷ NUNES, Susana Raquel Cunha. *A Evolução das Negociações Chinesas durante o Período da Reforma*. Universidade de Aveiro. Seção Autônoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas. Dissertação de mestrado. Aveiro, 2009. Disponível em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3403/1/2009001099.pdf>. Acessado em: 16/10/12. Às 13hs 30 min.

Conforme Andrade (2006, p. 35),

*A primeira, de 1978 a 1984, que compreende as reformas rurais, caracterizadas por profundas mudanças nos setores agrícolas e não agrícolas (...). A segunda fase (1984-1988) se incluem alguma liberalização na fixação de preços e salários nas empresas, introdução de taxaço sobre as empresas e quebra do sistema de um único banco. (...) na terceira fase (1988-1991), as autoridades reintroduziram os controles de preços e implementaram políticas contracionistas. A quarta fase (1992-1997) foi caracterizada pelo retorno de algumas políticas de estímulo ao crescimento e a queda no ritmo de atividade da fase anterior foi superada. A última fase (1998 aos dias atuais) tem sido caracterizada por um aprofundamento na abertura da economia e por sua maior integração à economia mundial, caracterizada pela entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em novembro de 2001.*⁶⁸

Historicamente não restam mais dúvidas que o obscurantismo e o isolamento político no qual Mao Tsé-Tung mergulhou a China geraram nocivas implicações para a sua economia e população, processos como a “A Grande Fome” ou “As Grandes Fomes” (períodos em que milhões de chineses morreram de fome durante o maoísmo) e a Revolução Cultural (em síntese a perseguição política aqueles que se “afastavam” dos ideais comunistas ou maoístas promovidos com base na Revolução de 1949) deixaram marcas profundas na trajetória do país no século passado. Deve-se destacar que a China, ou melhor, a sua ascensão econômica, está contextualizada no processo de globalização econômica (ou mundialização). Atesta Leite (2011, p. 1) “Usando a expressão de James Kinge1, a ‘China sacode o Mundo’! (...). Quando se diz que a China sacode o Mundo, pode-se inferir que a China, durante sua transformação dinâmica, especialmente econômica, tornou-se a maior beneficiária da globalização.”⁶⁹ A China parece ter incorporado ao seu projeto político-econômico parte do corolário capitalista (liberal). No entanto, como já citado neste projeto, as práticas liberalizantes são geradas, implementadas e controladas pelo Estado chinês, numa espécie de capitalismo de Estado. O

⁶⁸ ANDRADE, Daniel Caixeta. *Fatores condicionantes do crescimento econômico de longo prazo na China: Aspectos teóricos e investigação empírica*. Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Dissertação de mestrado. Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://www.nea.ie.ufu.br/dissertacoes/01.pdf> Acessado em 05/01/2013. Às 03hs 30 min.

⁶⁹ LEITE, Alexandre César Cunha. *O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Tese de doutorado. São Paulo, 2011. Observação: Texto recebido do autor em 25/08/2011.

tão vertiginoso crescimento econômico chinês implicou no aumento de sua demanda por matérias-primas. Afirma Luz (2011, p. 168) “nas décadas de 1970 e 1980, os recursos energéticos proporcionaram à China obter um acelerado crescimento (...) a partir da década de 1990, o consumo por energia obteve uma demanda superior (...)”⁷⁰

São claros os sinais de que a China tornar-se-á uma potência econômica (se já não alcançou esse status numa espécie de configuração “sinocêntrica” do mundo contemporâneo ou tal processo se dará em mais algumas décadas). O país já é de fato a “maior” potência no contexto geoeconômico e político asiático nessa primeira década do século XXI (não desprezando de fato a importância que o Japão ainda detém na Ásia). No século passado conhecido também em termos geoeconômicos e geopolíticos como “século americano”, fora o Japão que, sob a égide do poder e da influência norte-americana na região, conquistado no pós II Guerra Mundial, liderou o bloco continental da Ásia por algumas décadas (numa espécie de “nipocentrismo”). Hoje, o que se evidencia é a forte possibilidade de formação de um cenário regional cada vez mais “sinocêntrico”. Ou de forma mais sensata, de um mundo cada vez mais sino-americano (hegemonia econômica e política dividida entre os Estados Unidos da América e a China, com os dois países ora convergindo em seus interesses, ora divergindo). Fontes empregadas nesta pesquisa indicam que a China paulatinamente vem se colocando entre as nações mais expressivas do cenário econômico global (num só tempo destacando-se entre as nações em desenvolvimento e acessando o patamar das desenvolvidas, apresentando-se como certo “incomodo” a essas).

É importante registrar que, mesmo com todas as suas conquistas no campo da economia e também no social, a China é um país de múltiplas faces, que demanda de certa acuidade no entendimento de sua formação histórico-econômica recente, algo que já tem sido feito através de relevantes trabalhos acadêmicos, como o do professor Alexandre César Cunha Leite (intitulado “O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos”) que foi imprescindível para a realização desta dissertação, sendo empregado como fonte. Sobre os fatores que explicam a ascensão econômica da China. Segundo Leite (2011, p. 1) “por intermédio da (...) incorporação de tecnologia à parcela da produção agrícola, (...) alto índice de poupança interna, à disponibili-

⁷⁰ LUZ, Arnaldo José Da. *A China e a questão energética no Brasil (1990-2010)*. Universidade Federal do Paraná-UFPR. Dissertação de mestrado. Paraná, 2011. Disponível em: http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25894/DISSERTACAO%20P_BIBLIOTECA.pdf?sequence=1. Acessado em: 22/08/2012. Às 02hs 54 min.

dade de mão-de-obra a custo reduzido e à inserção de altos volumes de investimentos”.⁷¹A China migrou da condição de autossuficiência em algumas matérias-primas (ou melhor, de país exportador de algumas matérias-primas, como por exemplo, o petróleo) para de importador em grande escala. Hoje, para atingir os seus elevados índices de crescimento econômico, a China faz uso dos seus recursos energéticos e ainda importa de vários outros países, já que os domésticos não têm sido suficientes para garantir a continuidade do seu crescimento e desenvolvimento econômico. De acordo com a Agência Brasil (2013) “O petróleo importado anualmente pela China, sobretudo de Angola, maior fornecedor, seguido pela Arábia Saudita, representou 58% do que o país consumiu em 2012.”⁷²

Mesmo tendo conseguido considerável progresso no contexto socioeconômico, a busca pela riqueza tem também gerado um corte social na China (com base na acumulação de renda). O país também tem apresentado problemas ambientais que não se resolverão em um curto prazo, com um “preço” caro a ser pago pelo meio ambiente e conseqüentemente pela imensa população do país (gerando também implicações sobre o meio ambiente global já que a China é hoje um dos países que mais polui o planeta).

⁷¹ LEITE, Alexandre César Cunha. O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Tese de doutorado. São Paulo, 2011. Observação: Texto recebido do autor em 25/08/2011.

⁷² Agência Brasil. Empresa Brasil de Comunicação. Agência Lusa. *China pode se tornar maior importador mundial de petróleo antes de 2015*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-03-07/china-pode-se-tornar-maior-importador-mundial-de-petroleo-antes-de-2015>. Acessado em 08/03/2013. Às 11 hs 57 min.

4.2 A INSERÇÃO INTERNACIONAL DA CHINA (A PARTIR DOS ANOS 2000) E O IDE (INVESTIMENTO DIRETO NO EXTERIOR) CHINÊS

No contexto da globalização (ou mundialização) a China soube como nenhum outro país criar condições próprias para ascender economicamente. Não obstante alguns aspectos passíveis de críticas de sua jornada rumo ao crescimento e ao desenvolvimento, o país foi exitoso no aproveitamento da dinâmica predominantemente liberal (ou neoliberal) em vigência nas últimas três décadas (a partir da década de 1980). O aumento da participação da China no comércio mundial (*cf.* Figura 2) reflete na prática o êxito (até então) do seu modelo econômico (de desenvolvimento) e de expansão de mercado, com ênfase para o pós 2001 (ano em que a China entra para a OMC-Organização Mundial de Comércio). Conforme Porchmann (2011, p. 7) “A China (...) tornou-se o principal produtor e exportador mundial de manufaturas e importante mercado consumidor de máquinas e equipamentos (...), assim como de matérias-primas de países da América Latina, da África e da Ásia em desenvolvimento.”⁷³

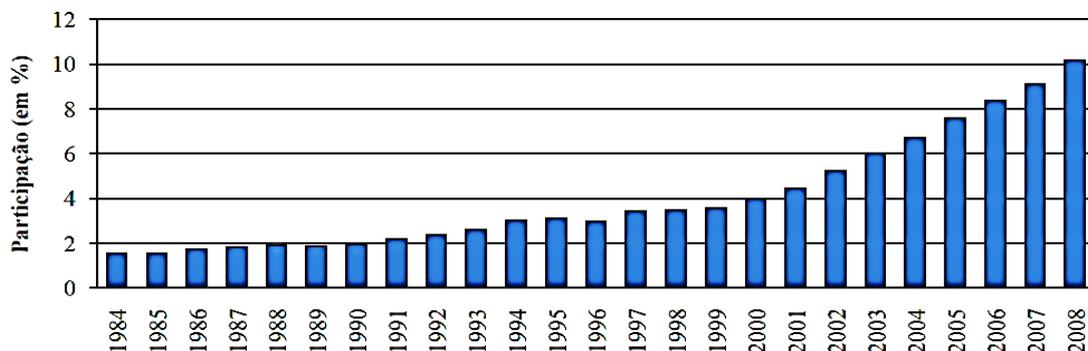


Figura 2 - Evolução da participação do comércio chinês no comércio mundial de (1984-2008)

Fonte: MORTATTI, Caio Marcos. Determinantes do comércio Brasil-China de commodities e produtos industriais: uma aplicação do modelo VAR. p. 18, (2009).

⁷³ PORCHMANN, Márcio. *A China na Nova Ordem Mundial: impactos políticos e econômicos*. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Estatística e Economia Aplicada-IPEA. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/porta/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf. Acessado em: 23/09/2012. Às 09 hs 45 min.

Nos anos 2000 a China consolidou a sua inserção no mercado internacional, tornando-se um dos países que, pelos diversos fatores, têm determinado os rumos da economia global de maneira contundente. Atesta Leite (2011, p. 201) “a China adentra na cena internacional de maneira gradual, (...) tal postura não determina que a China esteja assumindo ou postulando (...) o posto de motor da economia mundial ou de nova potência hegemônica internacional.”⁷⁴ As discussões sobre os reais interesses da China em se tornar uma potência econômica e política vêm ganhando cada vez mais corpo. Afirmam Cunha e col. (2011, p.12) “o país é um dos três maiores global players, junto com Alemanha e Estados Unidos. (...) em meados dos anos 1980, a China representava cerca de 1% das exportações mundiais atingindo, em 2008, uma participação de 8,9%.”⁷⁵ Com base no potencial que a economia chinesa apresenta hoje, levando em consideração suas implicações sobre o mercado mundial, verifica-se que ainda são necessários mais estudos (à luz de diferentes abordagens) com relação aos impactos do IDE (Investimento Direto no Exterior) chinês nos países do centro, nos países em desenvolvimento e principalmente nos países periféricos (fornecedores de matérias-primas), estes últimos imprescindíveis atualmente para evolução do processo de sino-expansionismo comercial, como exemplo, Angola, bem como para a manutenção do crescimento e desenvolvimento econômico chinês.

⁷⁴ LEITE, Alexandre César Cunha. *O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Tese de doutorado. São Paulo, 2011. Observação: Texto recebido do autor em 25/08/2011.

⁷⁵ CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva; MONSUETO Sandro Eduardo; LÉLIS, Marcos Tadeu Caputi. *Breves Considerações sobre os Impactos Potenciais da Ascensão da China na Economia Brasileira*. II-Seminário sobre Pesquisas em Relações Econômicas Internacionais. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0799.pdf>. Acessado em: 08/05/2012. Às 23 hs 11 min.

4.3 A DEMANDA CHINESA POR MATÉRIAS-PRIMAS (ENFOQUE NA DEMANDA POR PETRÓLEO)

A dependência da economia da China de um grande aporte de matérias-primas (com ênfase para o petróleo) incide diretamente sobre a questão sociopolítica do país. Atesta o *The Economist* (2011, p.50) “Seu consumo de petróleo quase que corresponde ao tamanho da economia, mas provavelmente vai crescer mais rápido do que o PIB à medida que a China fica mais rica e compra mais carros.”⁷⁶ Ou seja, para que a China se mantenha politicamente estável, o PCC (Partido Comunista Chinês) que governa o país, tendo em Xi Jinping o seu novo presidente (que assumiu a liderança do país em 2013), precisa garantir o acesso às matérias-primas com seus parceiros internacionais (inclusive na África e especificamente em Angola). Segundo Lyrio (2010, p. 60) “Para (...) a China, que atravessa um estágio de desenvolvimento (...) intensivo em energia (...) o acesso (...) a fontes e supridores de energia é um imperativo para a continuidade do crescimento e para a estabilidade política do regime.”⁷⁷ Os impactos da demanda chinesa por recursos energéticos (com ênfase para o petróleo) provocaram significativas mudanças nos preços internacionais dessa commodity durante a primeira década dos anos 2000. Com o Oriente Médio representando 50 %, a África 30 % e a “Ásia-Pacífico” 3 % essas são consecutivamente as três regiões que mais fornecem petróleo para a China (*cf.* Figura 3). Já a Arábia Saudita é o país de onde a China mais importa petróleo, com 19 % das importações, seguido por Angola, com 17 %, sendo esse país africano o segundo maior fornecedor dos chineses (*cf.* Figura 4). Observação, Angola já superou a Arábia Saudita como maior fornecedor de petróleo para a China. De acordo com Lyrio (2010, p. 61) “Uma vez que apenas 1 em cada 70 chineses possuía automóvel em 2005, contra 1 em cada 2 norte-americanos, a perspectiva de universalização de modelos de consumo do mundo

⁷⁶ *ECONOMIST, The. O grande salto - Commodities Preteridos - A demanda chinesa acabou com um século de queda constante nos custos das matérias-primas para os consumidores do mundo rico.* São Paulo: Carta Capital, 2011.

⁷⁷ LYRIO, Mauricio Carvalho. *A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos. Fundamentos materiais para a ascensão da China - O acesso à energia.* Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto Rio Branco-IRBr. Brasília / Distrito Federal-DF, 2010. Disponível em: http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/China_potencia.pdf. Acessado em: 05/08/2012. Às 10 hs 01 min.

desenvolvido implicaria uma demanda de petróleo ou de outras fontes de energia.”⁷⁸

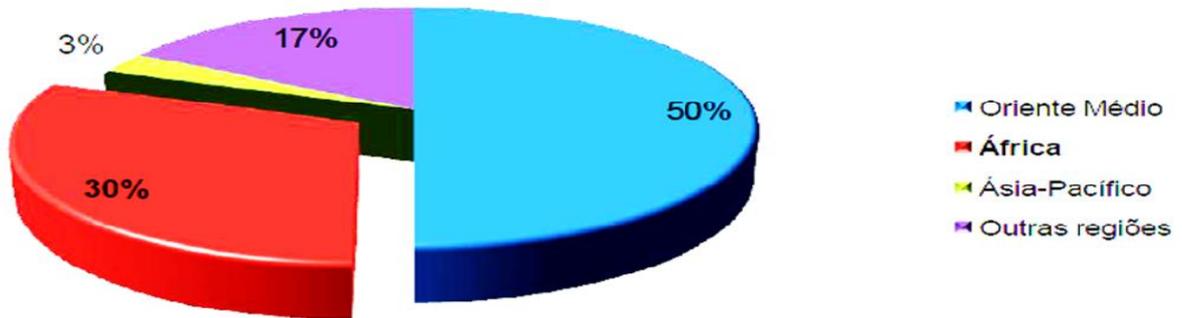


Figura 3 - Importações chinesas de petróleo no mundo (2008)

Fonte: RYSDYK, Janaina. A política externa chinesa para a África: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria. p. 37,(2010).

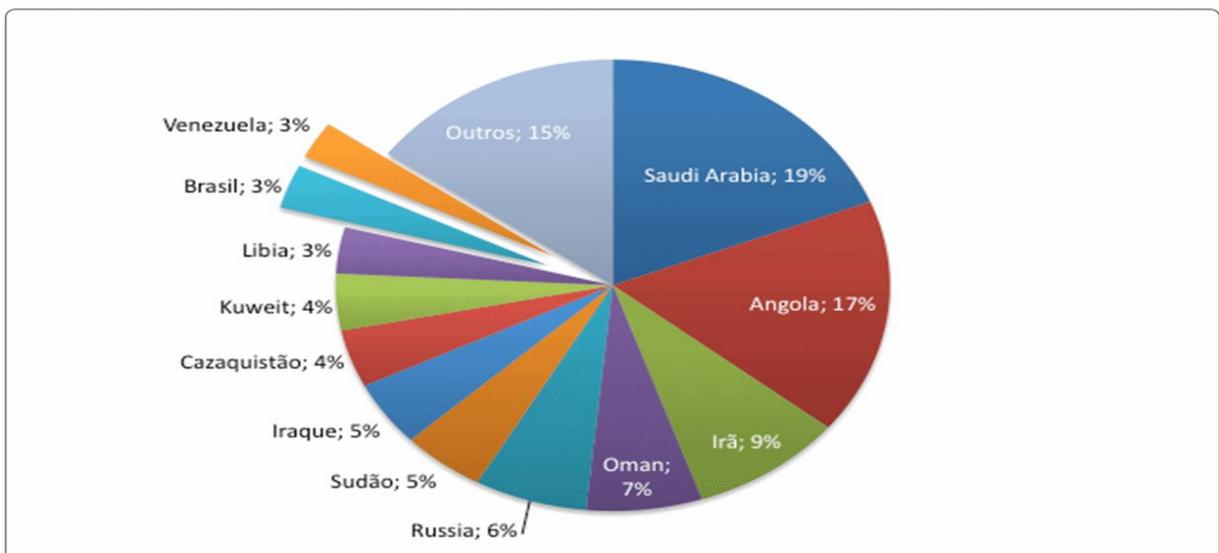


Figura 4 - Importações chinesas de petróleo (2011)

Fonte: UN Comtrade 2011.

⁷⁸ LYRIO, Mauricio Carvalho. *A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos. Fundamentos materiais para a ascensão da China - O acesso à energia*. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto Rio Branco-IRBr. Brasília / Distrito Federal-DF, 2010. Disponível em: http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/China_potencia.pdf. Acessado em: 05/08/2012. Às 10 hs 01 min.

5. A ECONOMIA DE ANGOLA

No capítulo 2, verifica-se um breve histórico sobre a economia de Angola e suas principais características. O primeiro tópico trata de forma objetiva da história da economia de Angola (o pós- guerra civil ou sua atual conjuntura); na sequência, o segundo tópico trata da (primazia do petróleo na economia angolana, e de aspectos da pauta comercial de Angola).

5.1 UM BREVE HISTÓRICO DA ECONOMIA DE ANGOLA (SUA REESTRUTURAÇÃO NO PÓS-GUERRA CIVIL E SUA ATUAL CONJUNTURA)

Como um país que atravessou um longo período de guerra civil (entre 1975-2002) Angola tem vivenciado um processo de reconstrução de sua economia. A princípio, destacam-se alguns aspectos geofísicos da RPA (República Popular de Angola). Conforme Rosinha (2009, p. 73) “Faz fronteira a norte, com a República do Congo-Brazaville, a oriente, com a República Democrática do Congo e a Zâmbia, a sul, com Namíbia e, a ocidente, com o oceano Atlântico.”⁷⁹ Quanto aos recursos naturais de Angola, atesta o MDCI (2009, p. 5) “o território angolano é (...) rico em recursos naturais, oferecendo oportunidades imediatas para atividades empresariais focadas no setor primário: petróleo, diamantes, entre outros.”⁸⁰ A princípio, pode-se inferir que, Angola tem outras potencialidades econômicas importantes que não limitam o país apenas a questão petrolífera (realidade que pode contribuir desde já para a

⁷⁹ ROSINHA, Maria do Rosário Rebelo de Penha Gonçalves. *A China em África: parceria igual ou desigual (Os casos de Angola e Moçambique)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 2009. Disponível em: http://www.adelinotorres.com/teses/ROSARIO%20ROSINHA_A%20China%20em%20%C1frica.pdf. Acessado em: 29/12/2012. Às 00: 00hs 00 min.

⁸⁰ MDCI-Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. *Estudo: Oportunidades de negócios em serviços Brasil-Angola*. Secretaria de Comércio e Serviços-SCS. Departamento de Políticas de Comércio e Serviços-DECOS, 2009. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1257766509.pdf. Acessado em: 01/12/2012. Às 00hs 32 min.

necessária diversificação salutar de sua economia). Vários anos de guerra civil (entre 1975-2002) levaram Angola a empreender na última década um processo de reconstrução de sua economia. Destacando que a RPA (República Popular de Angola) recentemente (em 2012) vivenciou mais um processo eleitoral, no entanto, este projeto optou por tratar (em síntese) das eleições de 2008. Afirma a ApexBrasil (2010, p. 11) “durante quase trinta anos o país viveu um conflito civil que se prolongou desde a sua independência de Portugal, em 1975, até 2002. A eleição legislativa de 2008 – a primeira desde 1992 (...)”⁸¹ A guerra sem dúvidas gerou sérias implicações para a economia de Angola. Segundo Morais (2011, p. 30) “uma boa parte da população não dispõe de um modo de vida recomendável, pois muitas das infraestruturas ainda estão destruídas. A exceção tem sido a indústria petrolífera, que se beneficiou das políticas (...) do Governo.”⁸² Sem dúvidas o processo de reconstrução de Angola (no pós-guerra civil) é imprescindível para que o país alcance o caminho para o desenvolvimento (socialmente justo). No entanto, tão condição não será atingida com êxito se seus dirigentes permanecerem priorizando o setor petrolífero em detrimento dos outros setores de sua economia. Em sua história Angola também se viu atrelada ao enredo da Guerra Fria, pois no seu quadro político interno podiam ser identificados aspectos que caracterizavam a bipolarização política e econômica da ordem mundial vigente à época (período entre o pós II Guerra Mundial e o início da década de 1990). Atesta Mazrui (2010, p. 972),

*O bloco soviético, incluindo Cuba, apoiou constantemente o MPLA, ao passo que o bloco ocidental, especialmente os Estados Unidos da América do Norte, concedia apoio à Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e à União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). A concorrência entre os dois campos estava, com toda a evidência em Angola, fundada em interesses ideológicos e estratégicos.*⁸³

⁸¹ ApexBrasil-Agência Brasileira de Promoção de Importações e Investimentos. *Estudo: Angola-Estudo de Oportunidades*. 2010. Brasília / DF-Distrito Federal, 2010. Disponível em: http://www2.apexbrasil.com.br/media/estudo/angola_16102012173218.pdf. Acessado em: 01/12/2012. Às 00hs 34 min.

⁸² MORAIS, Hugo André Pires Miranda. *Envolvimento multifacetado da China em Angola*. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2960>. Acessado em: 29/12/2012. Às 22: 40hs 00 min.

⁸³ MAZRUI, Ali A. *A História Geral da África. VIII. África desde 1935*. Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190256POR.pdf>. Acessado em: 01/10/2012. Às: 10 hs 00 min.

Quanto aos aspectos relacionados ao grau de integração da economia Angola com a economia e a política mundial. Segundo José (2011, p. 117) “(...) Angola passou em pouco tempo de um modelo de economia capitalista para o socialista sem consolidar este último, e voltou-se ao modelo capitalista ainda em construção neste momento.”⁸⁴ As opções econômico-políticas que a sociedade angolana fizer (representada pelos seus dirigentes) podem, nas próximas décadas, contribuir para que o país estabeleça relações comerciais equilibradas, que estimulem o desenvolvimento sustentável do país. De acordo com Rosinha (2009, p. 78) “há ainda em Angola grande desigualdade na distribuição de renda, e graves desequilíbrios regionais. Depois de 13 anos de luta contra a potência colonizadora, os 27 anos de guerra civil.”⁸⁵ Angola vem buscando diversificar sua base produtiva, mas a economia do país continua concentrada nos setores petrolífero e de exploração de diamantes. Conforme a ApexBrasil (2010, p. 15) “(...) a Sociedade Nacional de Petróleos de Angola (SONANGOL), do setor de petróleo, e a Empresa Nacional de Diamantes de Angola (ENDIAMA), produtora de diamantes, que continuam sendo os principais pilares da economia.”⁸⁶ São latentes os problemas sociais de Angola, as benesses do crescimento econômico verificado em anos recentes (ou após o “boom” da demanda por petróleo capitaneado pela China) parecem não ter sido repassadas efetivamente a maioria da sociedade angolana. Os números mostram uma realidade com sérios desafios a serem superados. Atesta a ApexBrasil (2010, p. 15) “metade da população da população tem acesso à água potável, um nível inferior à média regional.”⁸⁷

⁸⁴ JOSÉ, Joveta. *A política externa de Angola: novos regionalismos e relações bilaterais com o Brasil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35078/000794257.pdf?se>. Acessado em: 30/09/2012. Às 06 hs 41min.

⁸⁵ ROSINHA, Maria do Rosário Rebelo de Penha Gonçalves. *A China em África: parceria igual ou desigual (Os casos de Angola e Moçambique)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 2009. Disponível em: http://www.adelinotorres.com/teses/ROSARIO%20ROSINHA_A%20China%20em%20%C1frica.pdf. Acessado em: 29/12/2012. Às 00: 00hs 00 min.

⁸⁶ ApexBrasil-Agência Brasileira de Promoção de Importações e Investimentos. *Estudo: Angola-Estudo de Oportunidades 2010*. Brasília / DF-Distrito Federal, 2010. Disponível em: http://www2.apexbrasil.com.br/media/estudo/angola_16102012173218.pdf. Acessado em: 01/12/2012. Às 00hs 34 min.

⁸⁷ Ibidem, 2010.

5.2 A PRIMAZIA DO PETRÓLEO NA ECONOMIA ANGOLANA (ASPECTOS DA PAUTA COMERCIAL DE ANGOLA)

Desde meados do século passado o petróleo transformou-se no principal produto da economia de Angola. Afirma Morais (2011, p. 32) “após a descoberta das primeiras jazidas de petróleo (...), em 1955, a posição ocupada pelo café e diamantes, como principais fontes de rendimento, veio a ser, lentamente, substituída.”⁸⁸ Justamente a quase total a dependência da exportação de petróleo tem sido uma condição debilitadora da economia angolana. Tão imprescindível ainda como matriz energética para a economia mundial, o petróleo, ao que parece, ainda vai demorar a ser substituído por fontes alternativas (mesmo que por fontes energéticas limpas). Nesse contexto, a importância do petróleo é inquestionável para os países detentores de grandes reservas desse produto que, veem nessas, possibilidades reais de alavancar o seu crescimento e desenvolvimento econômico, além de se fazerem representar de forma mais expressiva no cenário internacional. O problema para alguns países tem sido a demasiada dependência econômica da exportação de petróleo, como no caso de Angola, cuja produção e exportação estão hoje diretamente atreladas à demanda chinesa por essa matéria-prima. Segundo ApexBrasil (2010, p. 18),

*particularmente China e Índia, cujas dinâmicas internas de urbanização e industrialização aceleradas ampliaram, significativamente, a disputa internacional por acesso a matérias-primas. Nesse contexto, Angola, passou a ter um posicionamento estratégico privilegiado, pois produziu 2,2% do petróleo mundial no ano de 2007, além de possuir 0,7 % das reservas mundiais conhecidas. Assim, o crescimento de Angola entre 2003 e 2008 (...).*⁸⁹

⁸⁸ MORAIS, Hugo André Pires Miranda. *Envolvimento multifacetado da China em Angola*. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2960>. Acessado em: 29/12/2012. Às 22: 40 hs 00 min.

⁸⁹ ApexBrasil-Agência Brasileira de Promoção de Importações e Investimentos. *Estudo: Angola-Estudo de Oportunidades*. 2010. Brasília / DF-Distrito Federal, 2010. Disponível em: http://www2.apexbrasil.com.br/media/estudo/angola_16102012173218.pdf. Acessado em: 01/12/2012. Às 00hs 34 min.

Um dado a ser considerado é que o setor petrolífero de Angola mantém-se na gestão da empresa estatal Sonangol (ou SONANGOL). De acordo com Morais (2011, pp. 32-33) “(...) a Sonangol (Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola). (...) tem vindo a desempenhar, desde a sua fundação, em 1976, um papel preponderante no ramo desta indústria (...)”⁹⁰ É necessário que a sociedade angolana (seus governantes atuais e vindouros) esteja consciente de que o petróleo é uma fonte energética não renovável, sendo assim, o seu fim é uma possibilidade real e deve ser levado em conta, objetivando a busca de uma alternativa consciente para sair dessa dependência que compromete o desenvolvimento econômico de Angola. Conforme Rocha (2011),

*Por vezes, quando se fala do futuro de Angola, esquece-se que a sua economia faz parte da economia-mundo, tendo de se sujeitar aos seus ditames, comportamentos, incertezas, vicissitudes e riscos. Este relacionamento intenso e íntimo com a economia mundial circunscreve a limites relativamente estreitos a capacidade de intervenção efetiva das políticas económicas e sociais internas. Ou seja, só uma pequena parte do crescimento económico de Angola está, na verdade, dependente, de modo exclusivo, de políticas públicas autónomas. E basta, para se compreender o alcance desta proposição, pensar nos 94% de dependência do petróleo (divisas, receitas, investimentos públicos, etc.). Estarrecer identificar um nível tão alto de dependência económica de um país com relação a um determinado produto (o caso de Angola é gritante), um nível de primarização da economia que precisa ser avaliado.*⁹¹

Tratar do alto grau de dependência da produção e exportação de petróleo da economia angolana é tratar (dentro de algumas limitações) das consequências sociais que tal dependência tem provocado. No entanto, é um fato que a sociedade angolana, em específico as classes mais pobres (sem dúvidas a grande maioria da população), ainda não foi alcançada pelos benefícios oriundos do setor petrolífero.

⁹⁰ MORAIS, Hugo André Pires Miranda. *Envolvimento multifacetado da China em Angola*. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2960>. Acessado em: 29/12/2012. Às 22: 40 hs 00 min.

⁹¹ ROCHA, Manuel Alves Da. *Algumas notas cursivas sobre as perspectivas para Angola em 2011*. Opiniões-Jornal Expansão. Angola, 2010. Disponível em: http://expansao.sapo.ao/home/opiniaio/manuel_alves_da_rocha/a_ameaca_chinesa_em_africa. Acessado em 14/01/2011 Às 17hs 30 min.

6. A RELAÇÃO COMERCIAL BILATERAL SINO-ANGOLANA (AS ASSIMETRIAS)

No capítulo 3, (disposto em três tópicos ilustrados com mapas e gráficos temáticos), verificam-se os principais aspectos e as assimetrias da relação comercial bilateral sino-angolana com enfoque na questão do petróleo. O primeiro tópico traça (um breve histórico das relações comerciais sino-africanas nos anos 2000); o segundo tópico aborda (a relação comercial bilateral sino-angolana entre os anos 2000-2011 e a prioridade do petróleo na estratégia chinesa em Angola); o terceiro e último tópico, analisa (as assimetrias da relação comercial sino-angolana, a China como centro e Angola como periferia).

6.1 UM BREVE HISTÓRICO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS SINO-AFRICANAS NOS ANOS 2000

As relações comerciais sino-africanas datam de tempos remotos e assumem características diretamente associadas ao seu momento histórico e suas respectivas peculiaridades. Neste tópico, o projeto se detém ao processo de aproximação comercial (dentre outras motivações como a política) mais recente entre China e África (e em seu esteio a aproximação entre China e Angola). Atesta Mazrui (2010, p. 972),

*o interesse nacional da China demandava-lhe estar presente na África, onde se enfrentavam, desde anteriormente, os seus concorrentes, os Estados Unidos da America do Norte e a URSS, e onde ela poderia encontrar simpatias, ao menos no plano diplomático, as quais lhe ajudariam a atingir os seus objetivos, em matéria de política externa. Enfim, a China considerava ter passado por uma experiência colonial análoga aquela da África: ela encontrava-se, por conseguinte, bem posicionada para compreender os problemas do colonialismo e para ajudar o continente a conduzir, com sucesso, o seu processo de descolonização.*⁹²

⁹² MAZRUI, Ali A. *A História Geral da África. VIII. África desde 1935*. Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190256POR.pdf>. Acessado em: 01/10/2012. Às: 10 hs 00 min.

Não se pode afirmar que a aproximação entre o grande país asiático (China) e o grande continente (África) se limita a demanda chinesa por matérias-primas e a sua busca por novos mercados consumidores para as suas manufaturas (comportando-se como um país de centro), tão pouco se restringe a dependência dos países africanos por novos mercados para escoar suas matérias-primas (portando-se como um país periférico). Mas, por volta da segunda metade da década de 1990 a China consolida o seu processo de aproximação (ou sino-expansão) do continente africano. Afirma Oliveira (2008, p. 341) “(...) em 1996, num périplo por vários países africanos, o Secretário-Geral Jiang Zemin, (...) em Adis Abeba, lançou a ideia do Foro de Cooperação África-China (FOFAC).”⁹³ Com a aproximação chinesa da África, o mapa das relações comerciais internacionais apresenta uma nova configuração (que coloca ou recoloca) o continente africano numa condição de extrema importância economia global. Condição a princípio “diferente” da vivenciada pela África durante os séculos em que parte considerável dos seus países foram colônias de países centrais (essencialmente europeus) e que a África (tampouco Angola), crê-se, não almeja ver reproduzir-se. Segundo Carmody e Owusu (2011, p. 235) “Devido (...) à ampliação da demanda da China por minerais, a África registrou uma taxa de crescimento econômico de 5,2% em 2005, a maior nos últimos tempos. (...) a economia da África Subsaariana cresceu quase 7% ao ano.”⁹⁴ Tem tornando-se cada vez mais recorrente as pesquisas a respeito dos interesses que envolvem o processo de aproximação chinesa do continente africano, dentre essas (mas ainda reduzidas) situam-se aquelas que analisam comparativamente as dinâmicas históricas do colonialismo e do neocolonialismo europeu na África e a contemporânea expansão da China nesse continente. No entanto, tratar da aproximação sino-africana apenas sob seus aspectos econômicos implicaria numa abordagem esvaziada do tema. Na verdade, o estreitamento das

⁹³ OLIVEIRA, Amaury Porto De. *O Brasil no mundo que vem aí. A China constrói uma parceria estratégica com a África-Radiografia do parceiro africano*. III Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional-III CNPEPI. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto de Pesquisas e Relações Internacionais. Brasília / DF-Distrito Federal, 2008. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0499.pdf>. Acessado em: 18/09/2012. Às 00 hs 13 min.

⁹⁴ CARMODY, Padraig; OWUSU, Francis. *A China na Nova Ordem Mundial: impactos políticos e econômico. Capítulo 6: A expansão da China para a África: interesses e estratégias*. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Estatística e Economia Aplicada-IPEA. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf. Acessado em: 23/09/2012. Às 09 hs 45 min.

relações entre a China e a África envolvem aspectos políticos de extrema relevância, mas dúvidas têm surgido a respeito das estratégias que a China vem empregando na África para defender os seus interesses comerciais (e também políticos, dentre outros). Tais estratégias suscitam questionamentos a respeito das distinções entre o modelo de trocas (entre outros aspectos) que a China propõe para a África e aquele proposto pelas nações europeias e os EUA (Estados Unidos da América). De acordo com Harvey (2012, pp. 176-177) “(...) o súbito interesse do governo Bush por bases militares na África (particularmente em Angola) quase certamente se vincula com as substanciais reservas petrolíferas.”⁹⁵ Conforme Khanna (2008, p. 252) “(...) a China é, (...) o terceiro maior investidor da África, depois da União Europeia e dos Estados Unidos. (...) tratando-se de regimes com relações azedas com os Estados Unidos, a China constrói alianças estratégicas.”⁹⁶ Segundo Oliveira (2008, p. 371),

*no caso da China diante dos atuais regimes africanos, há duas situações que pedem atenção especial: a credibilidade da ação chinesa e a legitimidade do regime beneficiado. São dois pontos que os rivais da China não deixam de explorar. Como confiar em que os chineses vão efetivamente ajudar os africanos a avançarem por um caminho de justiça social, quando a própria China se vê às voltas com uma sociedade crescentemente desigual? E não estará a ajuda chinesa, na sua preocupação de não – interferência nas opções políticas do ajudado, simplesmente contribuindo para o fortalecimento de regimes de longevidade duvidosa? À medida que se amplia a presença chinesa na África, tomam corpo situações desse tipo. No Delta do Rio Níger, por exemplo, trabalhadores chineses da indústria petrolífera já foram sequestrados por movimentos que contestam a ‘apropriação ilegal’ de recursos nacionais pelas autoridades centrais, cuja legitimidade é também contestada. A reação tradicional das ‘potências de Berlim’ a esse tipo de situação é tomada de partido, interessadamente, em favor desta ou daquela facção interna, com o que se estimulam rebeliões de golpes de Estado. Até que ponto poderão os chineses resistir enveredar por esse caminho.*⁹⁷

A relevância que a China assumiu para alguns países do continente africano (com ênfase

⁹⁵ HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

⁹⁶ KHANNA, Parag. *O Segundo Mundo-Impérios e Influência na Nova Ordem Global-Estados Unidos, China e União Europeia e a estratégia pela conquista das nações emergentes*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

⁹⁷ OLIVEIRA, Amaury Porto De. *O Brasil no mundo que vem aí. China - O Centro do Mundo. A China constrói uma parceria estratégica com a África*. III Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional-III CNPEPI. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto de Pesquisas e Relações Internacionais. Brasília / DF-Distrito Federal, 2008. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0499.pdf>. Acessado em: 18/09/2012. Às 00 hs 13 min.

para os países produtores e exportadores de matérias-primas da África Subsaariana) ainda está por ser compreendida no seu todo e complexidade (se é que tal desafio é possível). No entanto, o que deve ficar bem claro, é que as relações comerciais bilaterais sino-africanas (com destaque para a relação sino-angolana) sejam norteadas pela busca da equidade de benefícios que esse intercâmbio pode produzir. Ou seja, o comércio sino-africano (e/ou sino-angolano) deve ser bom (ou vantajoso) para os lados envolvidos, e não assimétrico, visto que esse compromete de forma mais contundente o crescimento e desenvolvimento sustentável dos países africanos.

6.2 A RELAÇÃO COMERCIAL BILATERAL SINO-ANGOLANA NOS ANOS 2000 (A PRIORIDADE DO PETRÓLEO NA ESTRATÉGIA CHINESA EM ANGOLA) E O IDE (INVESTIMENTO DIRETO NO EXTERIOR) CHINÊS NO SETOR PETROLÍFERO ANGOLANO

Especificamente quando se trata da relação comercial bilateral sino-angolana, podem ser elencados alguns fatores. Não obstante, a demanda chinesa por matérias-primas, com mais ênfase para a commodity petróleo, é o fator predominante nessa relação. De acordo com Conde (2010, p. 50),

*podemos ser levados a considerar a recente cooperação sino-angolana como obra do acaso ou das circunstâncias da conjuntura mundial. Contudo, sem lhes atribuir intencionalidade estratégica, devemos considerar de forma aleatória os seguintes e decisivos atributos: (1) a experiência adquirida por ambas às partes com a cooperação em termos de segurança; (2) a série de reformas empreendidas pelo governo angolano no sentido de redução da pobreza no âmbito dos objetivos de desenvolvimento do milênio; (3) o ambiente de paz que Angola vive desde o fim do conflito civil em 2002, propício ao desenvolvimento; (4) o relativo impasse das negociações entre o governo angolano e o FMI; (5) o boom da procura de petróleo e os seus elevados preços, favoráveis ao orçamento angolano pelas mais-valias proporcionadas; (6) e o crescimento da economia chinesa, as suas enormes necessidades energéticas e de mercados para colocação de excedentes.*⁹⁸

Gradativamente entre a segunda metade da década de 1990 e a primeira da década de 2000 a China consolidou sua relação comercial com Angola, sendo de fato o petróleo (importado pela China do país africano) o principal produto da pauta comercial entre os dois países. Ressaltando-se que, a relação comercial sino-angolana não se limita a questão petrolífera. Ou seja, a China fez de Angola também um mercado receptor de sua produção industrializada (com destaque para os produtos mecânicos e elétricos), bem como não se restringe a comprar desse país apenas a sua maior riqueza que é o petróleo, pois importa também (minerais diver-

⁹⁸ CONDE, José Brito. *Cooperação internacional: A cooperação sino-angolana e as repercussões econômicas e sociais geradas na zona envolvente do caminho-de-ferro de Benguela*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Área Científica de Estudos Africanos. Dissertação de mestrado. Lisboa, janeiro de 2009. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1693?mode=full>. Acessado em: 28/12/2012. Às 22:00hs 40 min.

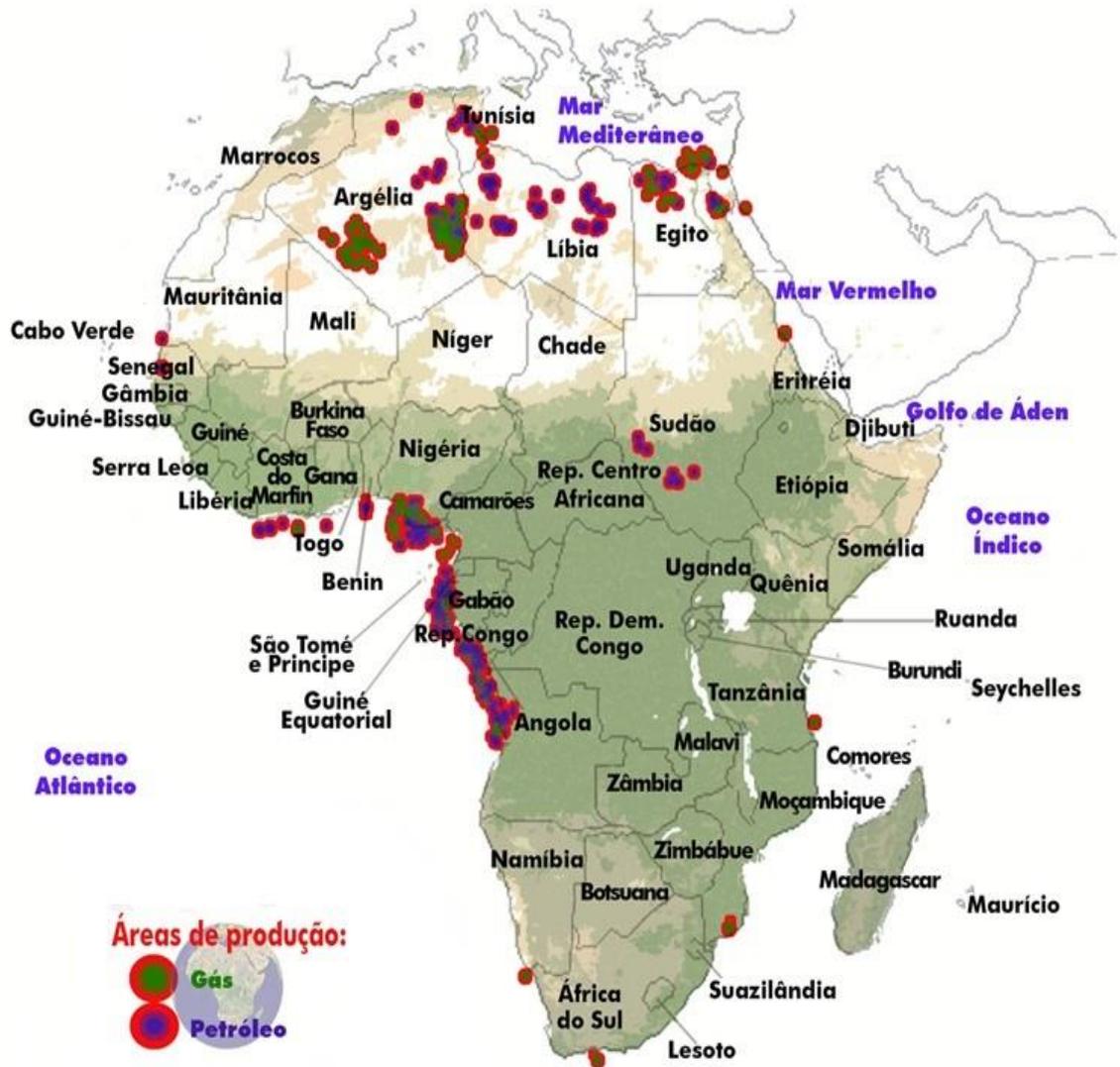
sos, ligas de metal, pedras preciosas, madeira, dentre outros produtos). Conforme Brito (2011, p. 9) “Com o fim da guerra civil em 2002, o viés das relações entre os dois países mudou da segurança para o da cooperação econômica, com particular foco para a reconstrução de Angola e o seu petróleo.”⁹⁹ Em relatório promovido pela “Chatham House” em 2011 e intitulado “Sede de Petróleo Africano: Petrolíferas Nacionais Asiáticas na Nigéria e em Angola” a intensa importação chinesa do petróleo angolano é destacada. Atestam (Vines, Weimer e Campos, 2011, p. 61) “Há algum tempo que Angola tem sido um dos principais fornecedores de petróleo da China: em 2004 já era o seu terceiro maior fornecedor, logo a seguir à Arábia Saudita e a Omã.”¹⁰⁰ Reforçando que Angola é hoje o principal fornecedor de petróleo para a China. Mesmo com a crise de 2008 (e suas implicações) a relação comercial bilateral sino-angolana parece não ter sofrido abalos, pelo contrário, registrou um aumento justamente pela elevação nos preços do petróleo. Quanto à questão do IDE (Investimento Direto no Exterior) chinês no setor petrolífero angolano. Segundo Rosinha (2009, p. 59) “o IDE da China em Angola que não se refira ao setor do petróleo tem sido reduzido.”¹⁰¹ Ou seja, a autora constata que as relações comerciais sino-angolanas estão concentradas na importação do petróleo angolano por parte da China, e que o IDE (Investimento Direto no Exterior) chinês é também concentrado no setor petrolífero.

⁹⁹ BRITO, Lana Bauab. *A presença chinesa em Angola: ameaças e oportunidades para o Brasil*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.ppgri.uerj.br/form/Lana_%20Bauab_Brito.pdf. Acessado em: 16/02/2013. Às 15 hs 01 min.

¹⁰⁰ VINES, Alex; WEIMER, Markus; CAMPOS, Indira. “*Sede de Petróleo Africano: Petrolíferas Nacionais Asiáticas na Nigéria e em Angola*”. *Parte 2-Petrolíferas Nacionais Asiáticas em Angola*. Um Relatório da Chatham House, 2011. Disponível em: http://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/Research/Africa/r0809_africanoil_po.pdf. Acessado em: 21/01/2013. Às 12hs 30min. 109

¹⁰¹ ROSINHA, Maria do Rosário Rebelo de Penha Gonçalves. *A China em África: parceria igual ou desigual (Os casos de Angola e Moçambique)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 2009. Disponível em: http://www.adelinotorres.com/teses/ROSARIO%20ROSINHA_A%20China%20em%20%C1frica.pdf. Acessado em: 29/12/2012. Às 00: 00hs 00 min,

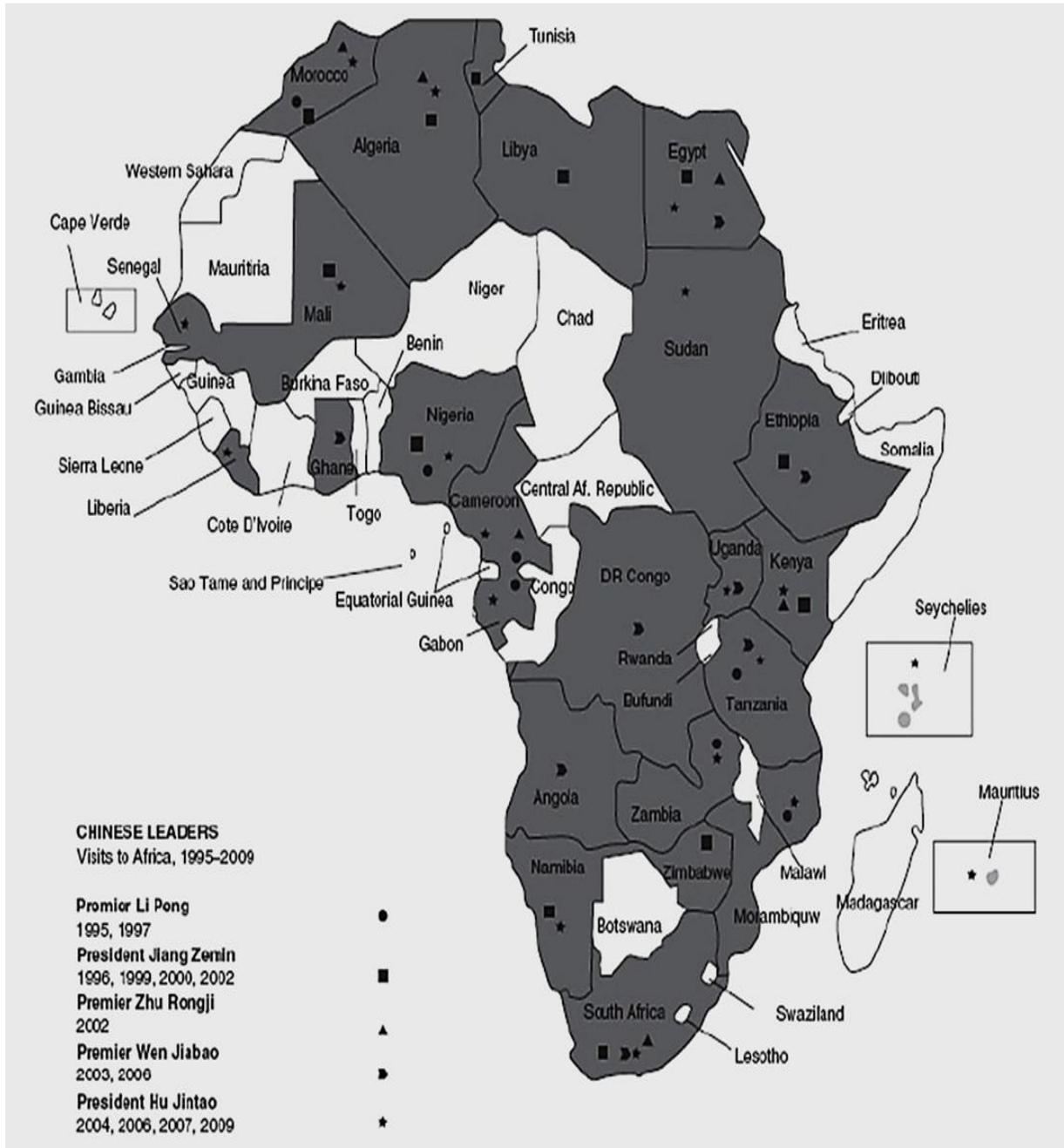
Caracterização das áreas de produção de petróleo (em azul) e de gás (em verde) do continente africano e no contexto as áreas da RPA-República Popular de Angola (cf. Mapa 1).



Mapa 1 - África Continental (áreas de produção de gás e petróleo)

Fonte: MAGALHÃES, Henrique Júdice. A recolonização programada da África. Jornal A Nova Democracia (2007).

A relevância do continente africano para a China pode ser verificada no número de visitas feitas pelos líderes chineses a esse território entre os anos de 1995 e 2009. Angola recebe os líderes Jiang Zemin e Hu Jintao reiteradas vezes nesse mesmo período (*cf.* Mapa 2).



Mapa 2 - Visita dos líderes chineses a África (1995-2009)

Fonte: XAVIER, Nathaly Silva. A política externa chinesa e a recepção dos países africanos: o contraste entre Zâmbia e Angola (1989-2009). p. 63 (2011).

Representando cerca de 65 % das importações chinesas do continente africano, o petróleo é o produto mais importante da pauta comercial entre a China e a África (*cf.* Figura 5). Pode-se inferir que há uma considerável dependência mútua na relação sino-africana, ou seja, os chineses demandam do petróleo oriundo da África que tem nesses um relevante importador.

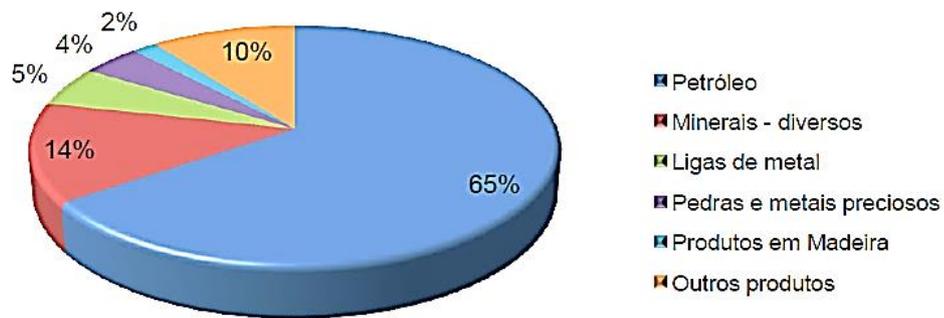


Figura 5 - Importações chinesas da África por produtos

Fonte: RYSDYK, Janaina. A política externa chinesa para a África: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria. p. 36, (2010).

Quando a pauta comercial sino-africana é analisada por setor, o de produtos minerais concentra a maior parte das importações chinesas oriundas da África com 81 % dessas (*cf.* Figura 6). Tal dado reflete a demanda chinesa por matérias-primas imprescindíveis para a manutenção do seu crescimento e desenvolvimento econômico.

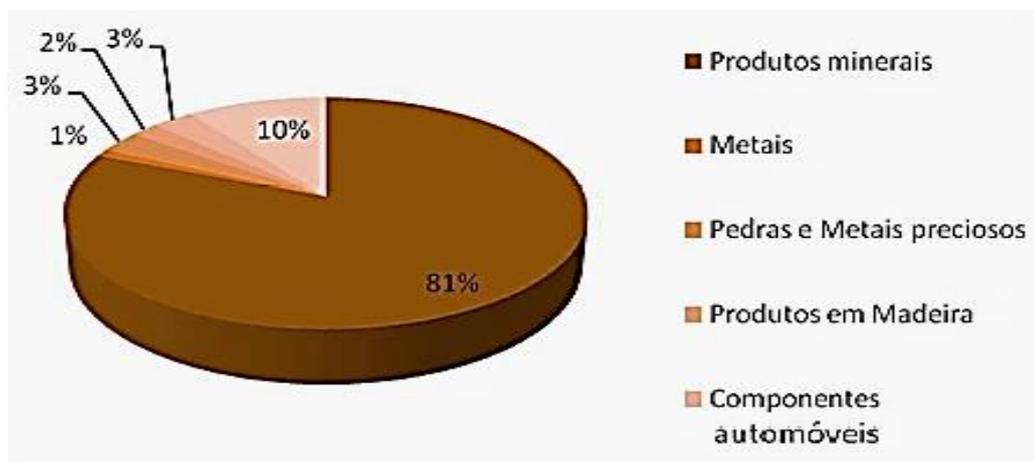


Figura 6 - Importações chinesas da África por setor (2011)

Fonte: MORAIS, Hugo André Pires Miranda. Envolvimento multifacetado da China em Angola. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade

Técnica de Lisboa. p. 43, (2011).

Cerca de 51 % das manufaturas que a China exporta para a África por setor é composta de produtos mecânicos elétricos, seguidos de produtos têxteis com 12 % e de aço com 7% (cf. Figura 7). Deve-se considerar a hipótese de que as manufaturas chinesas que chegam ao mercado angolano são ainda em sua maioria de pouco valor agregado.

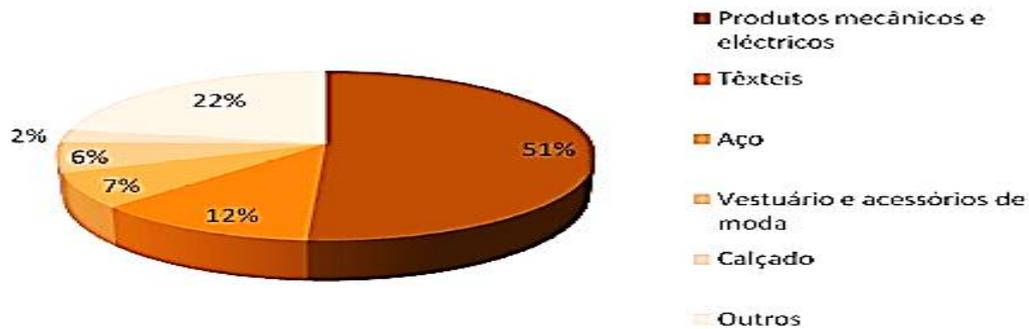


Figura 7 - Exportações chinesas para a África por setor (2011)

Fonte: MORAIS, Hugo André Pires Miranda. Envolvimento multifacetado da China em Angola. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. p. 43, (2011).

Há uma gradativa evolução do IDE (Investimento Direto no Exterior) chinês na África entre os anos de 2003 e 2009, tendo sido 2008 um ano de considerável elevação desse IDE (cf. Figura 8). Concentrado no setor primário da economia africana, o IDE chinês salta de 500 milhões de USD em 2005 para 5 bilhões USD em 2008.

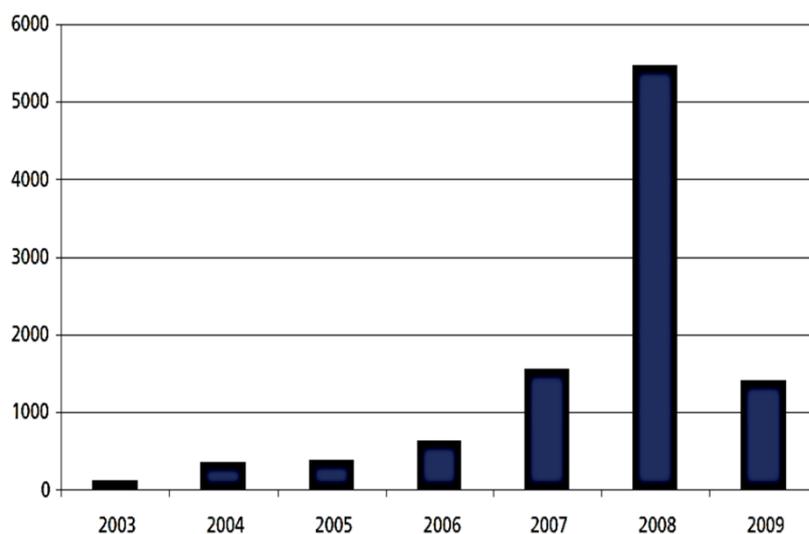


Figura 8 - Fluxo de investimentos chineses na África (em USD milhões correntes)

Fonte: LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa. ACIOLY, Luciana. A China na nova configuração global-impactos políticos e econômicos. p. 244, (2011).

6.3 AS ASSIMETRIAS DA RELAÇÃO COMERCIAL BILATERAL SINO-ANGOLANA (A CHINA COMO CENTRO E ANGOLA COMO PERIFERIA)

Tomando como base estudos já realizados (inclusive tendo alguns desses evidenciado determinadas assimetrias) a respeito da relação comercial bilateral sino-angolana pode-se inferir que essa traz em sua dinâmica assimetrias identificadas pelo esquema “prebischiano” de Centro-Periferia. A análise de (Xavier, 2011) destaca o aspecto da não utilização de mão-de-obra local (no caso a mão-de-obra angolana) em obras de infraestrutura no país (ressalte-se que o autor destaca a problemática da utilização de mão-de-obra na reconstrução da infraestrutura do país, sendo assim registra-se aqui a necessidade de mais dados específicos a respeito do setor petrolífero, no entanto vale ressaltar que parte considerável das obras de infraestrutura em Angola estão associadas ao contexto do setor petrolífero daquele país). Tal fator, a princípio, se enquadraria em dois aspectos do esquema “prebischiano”, são eles: o da não utilização da mão-de-obra dos países periféricos e o da não transferência de tecnologia entre empresas oriundas do centro (nesse caso a China) para a periferia (nesse caso Angola). De acordo com Xavier (2011, p. 140) “A política chinesa de preferência pelo emprego de mão-de-obra chinesa nas suas obras, em especial de infraestrutura, não varia de país para país.”¹⁰² Nas análises de (Rosinha, 2009) podem ser verificados também aspectos do esquema Centro-Periferia na relação comercial bilateral sino-angolana. A autora destaca os seguintes aspectos em sua análise: demanda por matérias-primas (por parte da China); e por parte de Angola, o aspecto básico produção e exportação de matérias-primas, além da ausência de capacidade financeira e de mão-de-obra qualificada no país, bem como de tecnologia para aplicar na manufatura eficiente das matérias-primas. Conforme Rosinha (2009, p. 5) “a China precisa garantir o seu abastecimento de recursos naturais-minerais (...) para sustentar o crescimento econômico de forma a manter e/ou aumentar internamente os ní-

¹⁰² XAVIER, Nathaly Silva. *A política externa chinesa e a recepção dos países africanos: o contraste entre Zâmbia e Angola (1989-2009)*. UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29395/000776662.pdf?sequence=1>. Acessado em: 02/12/2012. Às 23hs 00 min.

veis de emprego e a estabilidade social.”¹⁰³ Quanto ao emprego de mão-de-obra angolana nos empreendimentos chineses no país, atesta Rosinha (2009, p. 62) “utilizam muito pouco a mão-de-obra local e (...) aplicam tabelas salariais diferentes das usadas para os trabalhadores chineses, (...) a integração dos chineses na sociedade angolana é muito fraca.”¹⁰⁴ As análises de (Conde, 2009) tratam tanto das consequências das relações comerciais bilaterais sino-africanas (China-África), bem como da relação comercial bilateral sino-angolana (China-Angola). Quanto às relações sino-africanas, afirma Conde (2009, p. 85) “o impacto da China tem repercussões de natureza social, econômica e política sobre a sociedade africana que devem ser ultrapassadas: (1) na iniciativa privada (...). (2) na imigração (...). (3) na política.”¹⁰⁵ Quanto às implicações da relação comercial bilateral sino-angolana especificamente. Segundo Conde (2009, p. 85), “o aprovisionamento de petróleo e a reconstrução de infraestruturas são à base do relacionamento sino-angolano.”¹⁰⁶

Na análise de Moraes (2011) também podem ser verificados aspectos do esquema Centro-Periferia, constatando-se a questão da não utilização de mão-de-obra angolana nos empreendimentos chineses no país (na reconstrução da infraestrutura) registra-se aqui a necessidade de mais dados específicos a respeito do setor petrolífero, no entanto vale ressaltar (novamente) que parte considerável das obras de infraestrutura em Angola estão associadas ao setor petrolífero daquele país. Moraes (2011) também destaca a não diversificação da economia angolana; a demanda chinesa por recursos naturais; a força da economia chinesa ante a economia de Angola, bem como aspectos políticos de ambos os países. De acordo com

¹⁰³ ROSINHA, Maria do Rosário Rebelo de Penha Gonçalves. A China em África: parceria igual ou desigual (Os casos de Angola e Moçambique). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 2009. Disponível em: http://www.adelinotorres.com/teses/ROSARIO%20ROSINHA_A%20China%20em%20%C1frica.pdf. Acessado em: 12/10/2012. Às 00 00hs 00 min.

¹⁰⁴ Ibidem, 2005.111

¹⁰⁵ CONDE, José Brito. *Cooperação internacional: A cooperação sino-angolana e as repercussões econômicas e sociais geradas na zona envolvente do caminho-de-ferro de Benguela*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Área Científica de Estudos Africanos. Dissertação de mestrado. Lisboa, janeiro de 2009. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1693?mode=full>. Acessado em: 28/12/2012. Às 22 00hs 40 min.

¹⁰⁶ Ibidem, 2009.

Moraes (2011, p. 57-58) “A excessiva utilização de mão-de-obra chinesa está gerando aumento de desemprego e a própria construção de infraestruturas, acaba por ser mais rápida do que a formação de recursos humanos de Angola.”¹⁰⁷ As análises de Carmody e Owusu (2011) dão, num primeiro momento, uma visão geral a respeito das implicações das relações comerciais sino-africanas para depois tratar especificamente de aspectos das relações sino-angolanas. Quanto às implicações das relações sino-africanas. Conforme Carmody e Owusu (2011, pp. 246-247) “a experiência (...) da China de elevada dependência – tanto de insumos industriais, como de recursos naturais –, permitiu ao país asiático definir uma estratégia (...) de se favorecer dos desequilíbrios estruturais existentes nas relações comerciais bilaterais.”¹⁰⁸ Carmody e Owusu (2011), destacam as assimetrias (a terminologia desequilíbrios é empregada) que caracterizam as relações comerciais entre a China e os países africanos, bem como também a demanda chinesa (o aumento dessa) pelas matérias-primas oriundas daquele continente. Os autores ressaltam também a questão dos oligopólios que se formam no setor petrolífero, registrando a importância do petróleo angolano para economia chinesa (em longo prazo). Tratam também da não utilização de mão-de-obra angolana nos empreendimentos chineses naquele país (os autores não deixam claro se tal problema pode ser identificado no setor petrolífero). No que se refere a Angola, afirmam Carmody e Owusu (2011, pp. 255-256) “A China tem concedido crédito e importado petróleo do país africano. De um lado, o Export-Import Bank da China (Eximbank da China) proveu à Angola uma linha de crédito de USD 2 bilhões para reconstruir sua infraestrutura, como parte de um acordo petrolífero.”¹⁰⁹

¹⁰⁷ MORAIS, Hugo André Pires Miranda. *Envolvimento multifacetado da China em Angola*. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2960>. Acessado em: 11/12/2012. Às 22 00hs 40 min.

¹⁰⁸ CARMODY, Pdraig; OWUSU, Francis. *A China na Nova Ordem Mundial: impactos políticos e econômico*. Capítulo 6: A expansão da China para a África: interesses e estratégias. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Estatística e Economia Aplicada-IPEA. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf. Acessado em: 23/09/2012. Às 09 00hs 45 min.

¹⁰⁹ Ibidem, 2011.

Angola desponta como o principal parceiro comercial da China na África com um total de 17 bilhões de dólares comercializados entre os dois países (*cf.* Figura 10). Desse montante, 14,66 bilhões de dólares são referentes às exportações angolanas para a China que por sua vez exportou 2,39 bilhões de dólares para Angola.

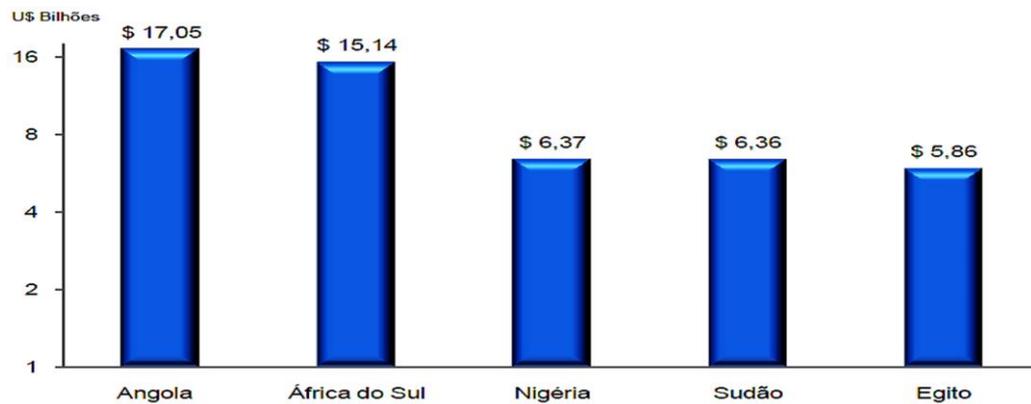


Figura 9 - Principais parceiros da China na África (2009)

Fonte: RYSDYK, Janaina. A política externa chinesa para a África: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria. p. 35, (2010).

Novamente identifica-se que Angola tem um superávit significativo na relação comercial com a China (se comparado ao da África do Sul e ao do Sudão) (*cf.* Figura 10). Ressalta-se que tal dado, a princípio positivo, oculta um aspecto tipificado pelo esquema “prebischiano” de Centro-Periferia, a primarização da economia angolana através da sua concentração no setor petrolífero.

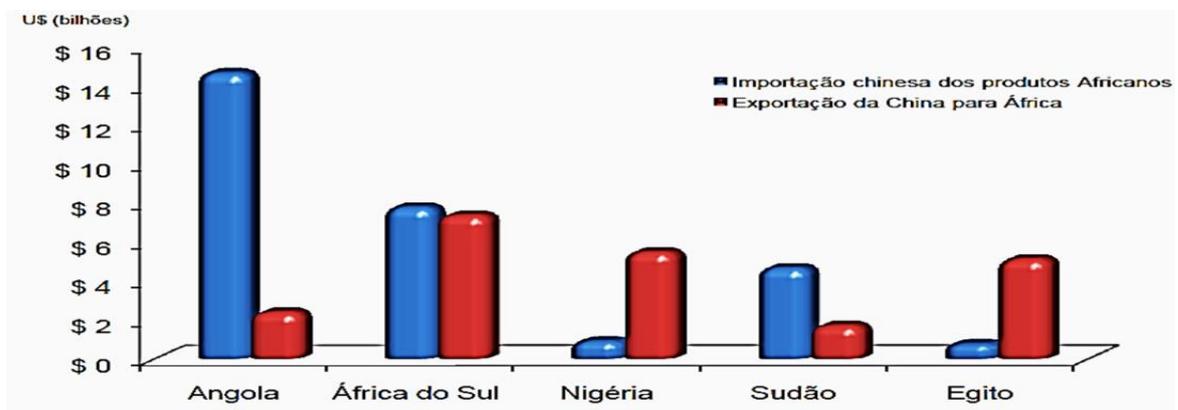


Figura 10 - Balança comercial da China com os cinco principais parceiros da África (2009)

Fonte: RYSDYK, Janaina. A política externa chinesa para a África: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria. p. 39, (2010).

Reproduzindo uma característica dos países periféricos tipificadas pelo esquema “prebischiano” de Centro-Periferia, os combustíveis têm extrema predominância na composição das exportações de Angola. Os dados referentes a tal condição (cf. Figura 11) mostram uma demasiada primarização da economia do país, concentrada em 98,9 % na exportação de petróleo. Restando ao setor de pérolas, pedras preciosas e ouro 0,8 %, e ao de máquinas pesadas 0,1 %.

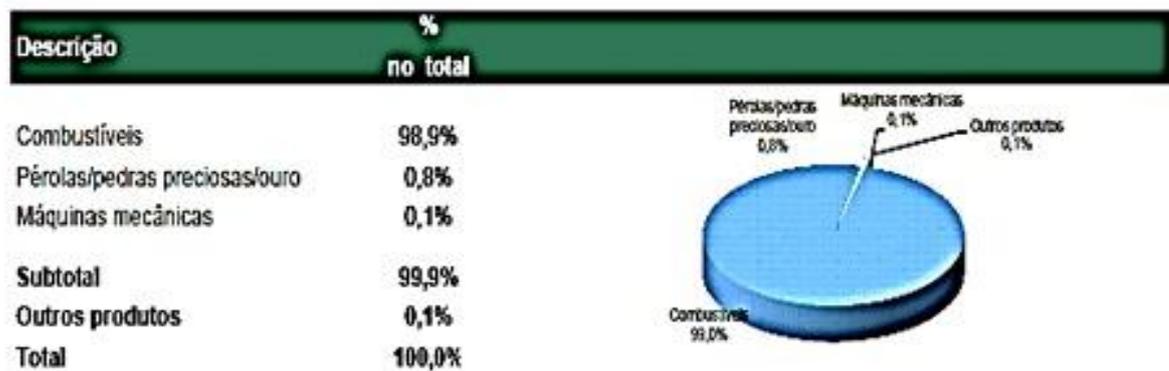


Figura 11 - Angola: Composição das exportações em % (2011)

Fonte: Ministério das Relações Exteriores-MRE. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos-DPR. Divisão de Inteligência Comercial-DIC. Dados Básicos e Principais Indicadores Econômico-Comerciais de Angola. p.7, (2012).

Angola é o país de onde a China mais importa petróleo no mundo, com 16 % do total, seguida da Arábia Saudita com 15 % e depois do Irã com 6 % (cf. Tabela 1). Ressalta-se que até recentemente a Arábia Saudita era o maior fornecedor de petróleo para a China.

Tabela 1 - Principais importações chinesas de petróleo (janeiro/março-2010)

País	Milhões de toneladas	(%)
1. Angola	8,48	16
2. Arábia Saudita	8,18	15
3. Irã	5,8	6
4. Omã	3,3	2,9
5. Rússia	3,1	2,7
Total das importações dos 5 países	28,86	42,6
Total geral das importações	51	100

Fonte: LUZ, Arnaldo José da. A China e a questão energética no Brasil (1990-2010). Universidade Federal do Paraná-UFPR. Dissertação de mestrado. Curitiba. p. 92, (2011).

As máquinas mecânicas com 15 % do total se destacam na lista dos principais produtos que compõem a pauta de importação de Angola. Seguida das máquinas elétricas com 8,7 %, e das “obras” de ferro ou aço com 7 % (cf. Figura 12). Não estão especificados os números relativos aos produtos que compõem em específico a pauta sino-angolana.

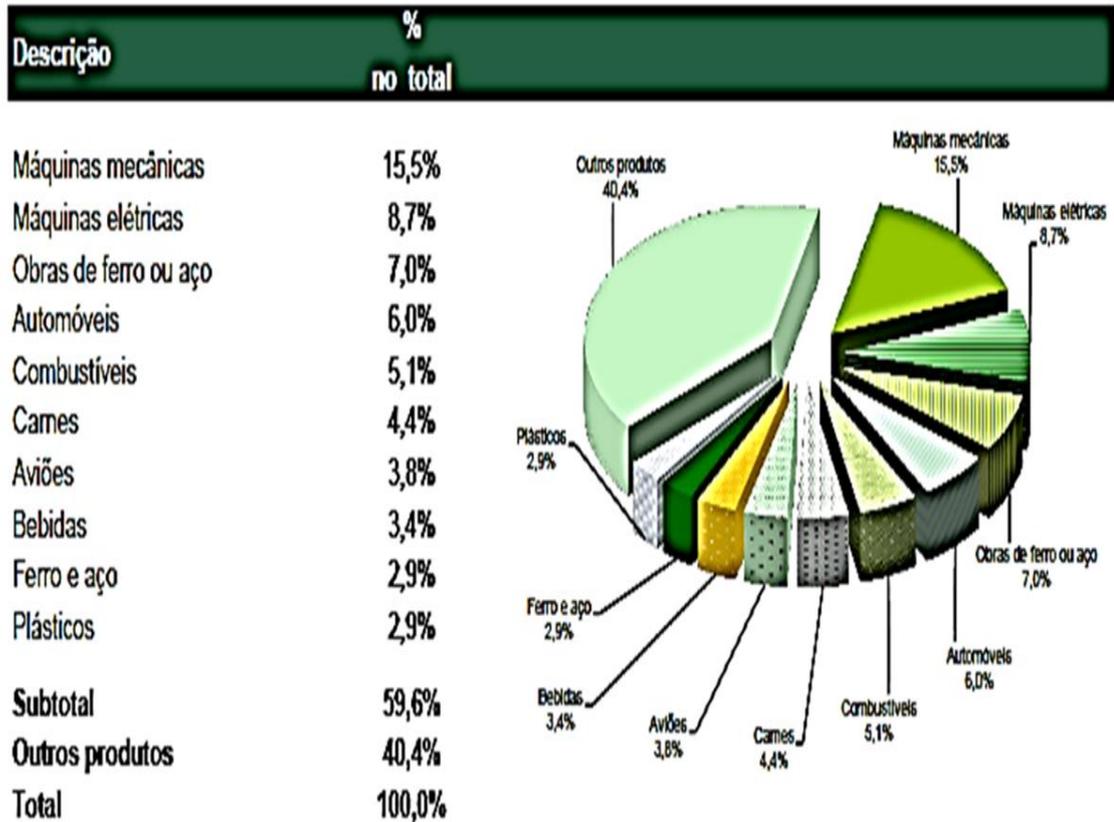


Figura 12 - Angola: Composição das importações (2011) em %

Fonte: Ministério das Relações Exteriores-MRE. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos-DPR. Divisão de Inteligência Comercial-DIC. Dados Básicos e Principais Indicadores Econômico-Comerciais de Angola. p.8, (2012).

O comércio bilateral sino-angolano atingiu 25 bilhões de USD (em 2008 e 2010), o que equivale a $\frac{1}{4}$ do comércio total da China com o continente africano. Ressalta-se que o

comércio bilateral sino-angolano entre 2000-2010 mostra um déficit da China na pauta comercial com Angola (*cf.* Figura 13). Angola já é o quinto maior mercado africano para as exportações oriundas da China, tal dado não ganha destaque por causa da importação em grande escala do petróleo angolano feita pelos chineses.

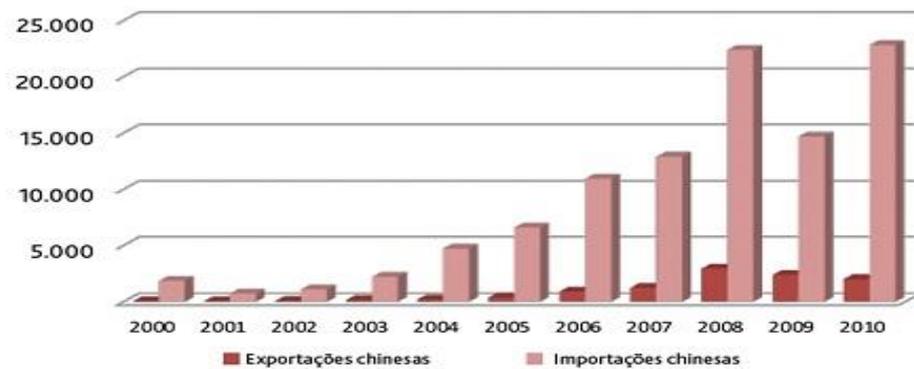


Figura 13 - Comércio bilateral China-Angola, em milhões de USD (2000-2010)

Fonte: CORKIN, Lucy. O Eximbank da China em Angola. (Contrade ONU). Pontes. Volume 8. Número 7. Novembro de (2012).

Houve uma evolução gradativa da relevância de Angola como fornecedora de petróleo para a China. Verifica-se entre 2001-2008 um considerável crescimento das importações chinesas de petróleo angolano. Em 2009, cerca de 10 % (algumas fontes trazem cerca de 15,7 %) do petróleo importado pela China era oriundo de Angola (*cf.* Figura 14).

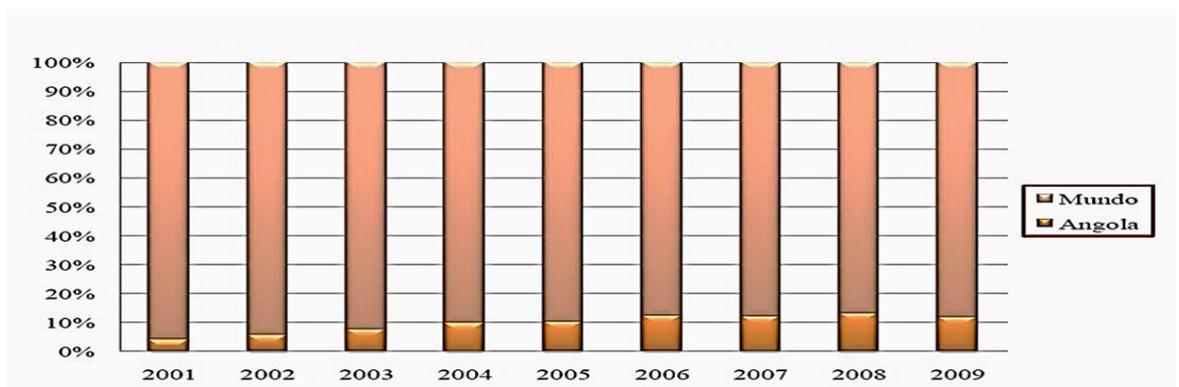


Figura 14 - Proporção de importações de petróleo pela China (2001-2009)

Fonte: XAVIER, Nathaly Silva. A política externa chinesa e a recepção dos países africanos: o contraste entre Zâmbia e Angola (1989-2009). p. 96, (2011).

O PIB do setor primário angolano concentrado no setor de “petróleo e refinados” com 57,1 % do total é muito superior em relação aos demais setores (*cf.* Figura 15). Tal dado reforça a problemática da primarização da economia angolana que é demasiadamente concentrada no setor de produção e exportação de petróleo (como já foi citado) o que compromete o crescimento desenvolvimento socioeconômico do país.

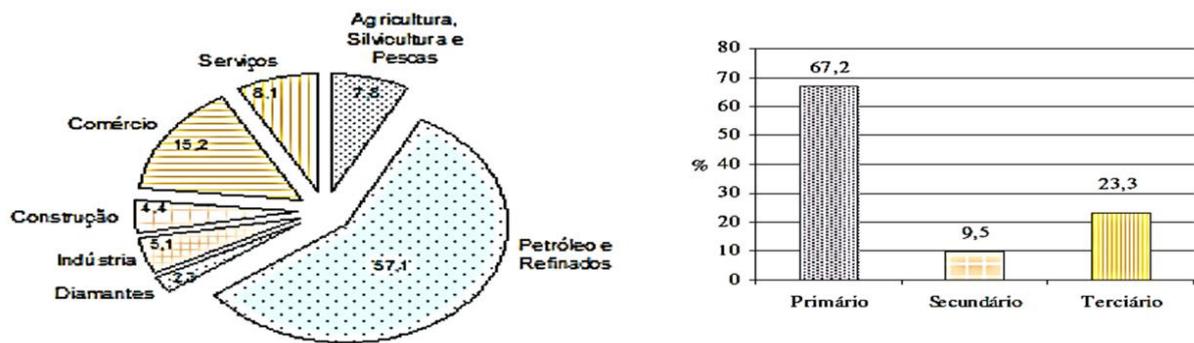


Figura 15 – PIB por setores de atividade em Angola

Fonte: MORAIS, Hugo André Pires Miranda. Envolvimento multifacetado da China em Angola. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. p.32, (2011).

A título de identificar e analisar as assimetrias no comércio sino-angolano enquadra-se neste capítulo a China na condição de centro (por diversos fatores já tratados no capítulo 4, mas realçando que deve haver o devido cuidado em atribuir a China a condição de centro) e Angola na condição de periferia (também por diversos fatores já tratados no capítulo 5). Naturalmente, evitando simplificações a respeito do tema, pretende-se analisá-lo à luz do esquema “prebischiano” (ou com os instrumentos oferecidos por esse) e de forma contextualizada (tendo como “pano de fundo” histórico a globalização ou mundialização). Destaque-se que, após a realização dos estudos foram verificados na relação comercial bilateral sino-angolana alguns elementos que tem possibilidade de associação a aspectos típicos de uma relação Centro-Periferia, foram eles:

- 1) A primarização da economia angolana que se apresenta concentrada no setor exportador de petróleo.
- 2) A importação de manufaturas chinesas por parte de Angola numa escala muito menor do que o país exporta petróleo para a China.
- 3) A importação em larga escala da China de petróleo oriundo de Angola.

- 4) A desorganização do mercado de trabalho angolano.
- 5) A organização do mercado de trabalho chinês
- 6) A não transferência de tecnologia por parte dos chineses nos empreendimentos desenvolvidos em Angola (ressalta-se que até então não foram encontrados dados específicos do setor petrolífero angolano).
- 7) O não emprego de mão-de-obra angolana nos empreendimentos chineses desenvolvidos no país africano (novamente ressaltamos que até então não foram encontrados dados específicos do setor petrolífero angolano).

Predominante hoje, o capitalismo globalizado (e/ou mundializado) ainda é fortemente marcado pela divisão Centro-Periferia que, reproduzindo (numa configuração atual) uma lenta difusão do progresso tecnológico consolidado num sistema de divisão internacional do trabalho (capitaneado agora pela China). Nesse contexto deu-se o “boom” da demanda por commodities, evidenciado em meados da primeira década deste século e capitaneado também pela China e sua grande demanda por matérias-primas. Tal momento proporcionou (e tem proporcionado ainda) “ganhos” extraordinários a Angola, fazendo com que o país se transformasse recentemente no mais importante fornecedor de petróleo para os chineses. Porém, com sérios problemas socioeconômicos, oriundos principalmente de uma devastadora guerra civil que durou de 1975-2002 (já tratada nesta pesquisa), entre outros fatores também relevantes, Angola, ainda não promoveu um processo de industrialização ampla de sua economia. E talvez não reúna condição de promovê-la hoje, sem subestimar o potencial da sociedade ou do povo angolano, isso sem o aporte de agentes externos, como a China, mas é necessário saber se está entre as motivações da China na África contribuir para promoção do desenvolvimento de Angola a um nível em que esse país se descole da condição periférica. Propõe-se aqui um questionamento: As relações de “parceria” que a China vem estabelecendo com os países africanos, e com Angola em específico, visam de fato o desenvolvimento bilateral equânime? Extremamente dependente da produção e exportação de petróleo, Angola primarizou sua economia (que é voltada para fora, ou seja, concentrada no setor exportador de petróleo), e ao que parece, não tem uma política direcionada à expansão da capacidade tecnológica doméstica e a consequente produção de valor agregado (se há alguma expansão tecnológica essa se mantém limitada ao setor petrolífero). Tal realidade tem comprometido (e comprometerá) seriamente o crescimento e o desenvolvimento socioeconômico do país num longo prazo, não permitindo que esse logre alcançar sua autonomia econômica. Ou seja,

permanecendo como um “refém” da demanda cêntrica por matérias-primas (no atual cenário a demanda “cêntrica chinesa”), enfim sem uma mudança nesse quadro, Angola provavelmente se manterá na condição de periferia num longo prazo. Segundo Lima (2013, p.13), “Na África, por exemplo, a China tem políticas com todos os países, com maior intensidade para os que produzem petróleo e minério. Isso inclui uma contrapartida estrutural.”¹¹⁶

Por sua vez, comportando-se como um país de “centro” na relação com Angola, a China, já “industrializada” (vale ressaltar que a China é um país marcado por desníveis regionais sobre os quais o Estado chinês tem promovido significativas mudanças através de investimentos sociais, possuindo ainda uma grande população vivendo em áreas rurais, portanto, apresentando ainda aspectos de periferia). Com um desenvolvimento econômico já vinculado ao progresso tecnológico (entre outros fatores), o país buscou importar o petróleo de Angola (entre outras matérias-primas), a princípio a preços baixos (faz-se necessário identificar em que momento entre os anos de 2000 e 2011 o preço do petróleo registra baixas no preço). Ao mesmo tempo em que expandiu no mercado angolano a colocação dos seus produtos manufaturados (há uma dificuldade quanto à informação sobre os produtos chineses que chegam ao mercado angolano, ou seja, se esses são de baixo, médio ou alto valor agregado).

Partindo da noção de que o desenvolvimento econômico está ligado ao progresso tecnológico (que é “guardado” pelos países centrais), o que definiria a dicotomia entre centro e periferia, pode-se inferir da relação sino-angolana, que a China é o país onde as técnicas de produção penetraram primeiras, e se dispersaram de forma “homogênea” pelos setores produtivos. Já Angola, ao contrário, utiliza técnicas arcaicas de produção (exceto no setor petrolífero, mas ressalta-se que as inovações tecnológicas introduzidas em tal setor teriam suas origens em agentes externos, como a China, ou outros, e não na própria Angola). Historicamente, a difusão do progresso tecnológico e a distribuição de suas benesses têm ficado restrita (em maior escala) aos países centrais (entre outros agentes que também são beneficiados) em detrimento dos países periféricos (que de fato saem perdendo nessa relação, eis a assimetria na relação da periferia com o centro). De forma geral, pode-se afirmar então

¹¹⁰ LIMA, Marcos Ferreira Costa. *BRICS-O desafio dos países emergentes*. Revista Rumos nº 269-Maio-Junho 2013. Disponível em <http://www.abde.org.br/AssessoriaRevistaRumosInterno.aspx?id=1831&titulo=Revista%20Rumos%20n%C2%BA%20269>. Acessado em: 19/07/2013. Às 17 e 30 min.

que há uma espécie de “multifacetado controle” exercido pelo centro em sua relação com a periferia, esse se apresentaria com as seguintes “faces”: a tecnológica, a financeira e a militar (poderio bélico). Com uma realidade marcada por relações sociais e de produção atrasadas, originada em séculos como colônia de Portugal (relação caracterizada pelo binômio Metrópole-Colônia que não por acaso guarda analogias com a relação Centro-Periferia) e três décadas de conflitos internos (a guerra civil), Angola vem (com dificuldades) tentando empreender a reconstrução de sua infraestrutura, instituições e sociedade. Sem superar aspectos como a dependência de um sistema produtivo (concentrado na exportação de petróleo, como já foi citado), vulnerabilidade monetária (e também financeira), ausência de transitoriedade na política majoritária (há mais de três décadas o mesmo “grupo” político mantém-se no poder executivo do país, ressalta-se, eleito de forma “democrática”). E por fim tendo de um lado a maioria da população excluída dos benefícios oriundos da exploração dos recursos naturais do país e do outro uma pequena classe de privilegiados que mantém um padrão de vida e de consumo semelhante ao de indivíduos abastados do centro. Ou seja, um quadro de assimetrias “endógenas”, mas que expõem as fragilidades de Angola, que “agora” se vê enredada numa relação com a China, país de pujante economia. Os desequilíbrios entre ambas ganham visibilidade quando se identifica em Angola aspectos como a “especialização” (com ênfase no setor petrolífero), “produtividade muito baixa” (que envolve aspectos como mão-de-obra sem qualificação adequada e baixos salários), concentração de tecnologia num setor (novamente o exportador, sendo as inovações geralmente limitadas a esse setor em detrimento dos outros) e uma economia desintegrada (ou seja, onde a cadeia produtiva não se complementa). Partindo dessas condições, a economia angolana pode-se inferir que a economia angolana hoje, estaria muito condicionada ao desenvolvimento e expansão da economia chinesa, ou seja, dependente dessa. O esquema Centro-Periferia preconiza que as inovações tecnológicas promovem ganhos de produtividade dentro de um mercado oligopolizado como o dos países de centro, essas não seriam repassadas para os preços dos produtos manufaturados vendidos para periferia. No entanto, não foi possível identificar tal fator na relação comercial bilateral sino-angolana. Com uma economia limitada à produção e exportação de petróleo, cuja demanda tende a ser pouco dinâmica, já que o centro, por conta do progresso tecnológico, tem a possibilidade de substituir tal matéria-prima por fontes alternativas, à periferia é submetida à deterioração dos termos de troca. Outro fator, basilar do esquema “prebischiano”, que não foi claramente identificado na relação China-Angola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com pouco mais de sessenta anos (lançado em 1949) o esquema “prebischiano” apresenta-se vigente para o entendimento das atuais relações comerciais entre os países do centro (os desenvolvidos) e os países da periferia (aqueles não desenvolvidos, os subdesenvolvidos e os em desenvolvimento). O multifacetado capitalismo contemporâneo (liberal e/ou neoliberal, globalizado e/ou mundializado, e sem dúvidas nocivamente financeirizado) ainda reproduz em seu esteio algumas das assimetrias típicas da relação Centro-Periferia, dinâmica descrita com maestria pelo economista argentino Raúl Prebisch na sua análise crítico-propositiva sobre as distorções do capitalismo (financeiro e monopolista) à época (o pós-II Grande Guerra Mundial). Sobre aspectos históricos, vale ressaltar que nesse mesmo ano (de 1949) a China transformou-se na RPC (República Popular da China), um “novo” país que, partindo de uma condição periférica (de fato era essa a realidade econômica da China no final dos anos 1940), atesta Nasar (2012, p. 471), “com um quinto da população mundial a China dispunha de uma renda per capita média que era quase a metade da renda da África em 1952, e apenas 5 % da renda dos Estados Unidos”¹¹⁷. E que através de uma orientação político-econômica “comunista” (depois de uma longa trajetória) chega aos dias atuais como um país de centro (ou ainda como semiperiférico), uma economia onde o capitalismo (e a sua inerente busca pela riqueza ou pelo acúmulo dessa) é capitaneada pelo PCC-Partido Comunista Chinês, por mais contraditório que isso pareça. Afirma Souza (2007, p. 239), “Uma complexa estratégia, com liberalização e regulação estatal, tem moldado essa integração chinesa à economia mundial. Ao longo do tempo, em quase três décadas de reformas”.¹¹⁸ Enfim hoje, num só tempo, a China “condiciona” a África (e a Angola) o papel de periferia e “ameaça” a hegemonia político-econômica norte-americana (com algum cuidado em ambas as afirmações). De fato a relação comercial bilateral sino-angolana replica em sua dinâmica al-

¹¹¹ NASAR, Sylvia. *A Imaginação Econômica - Os gênios que criaram a economia moderna e mudaram a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

¹¹² SOUZA, Antonio Renildo Santana. *As relações entre a reforma do Estado e a dominação do capital na China: As transformações pós-1978*. Universidade Federal da Bahia-UFBA. Escola de Administração. NPGA-Núcleo de Pós-Graduação em Administração. Tese de doutorado. Salvador, 2007. Disponível em: http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/tese_antonio.pdf. Acessado em: 04/12/2012. Às 23hs 30 min.

guns dos principais fatores do binômio Centro-Periferia (já citados anteriormente), tais como: a primarização da economia angolana concentrada no setor exportador de petróleo; a importação de manufaturas chinesas por parte de Angola; a dependência da China da importação do petróleo angolano; a exportação de manufaturas chinesas para o mercado angolano; desorganização do mercado angolano; a organização do mercado chinês; a não transferência de tecnologia por parte dos chineses nos empreendimentos em Angola (ressalta-se que até então não foram encontrados dados específicos do setor petrolífero angolano); o não emprego de mão-de-obra angolana nos empreendimentos chineses (novamente destaca-se que até então não foram encontrados dados específicos do setor petrolífero angolano).

Sabe-se que tem sido um desafio (com possibilidades positivas e negativas) tanto para Angola quanto para parte significativa de o mundo manter relações comerciais com China, país que tem aumentado sua representatividade e influência como potência econômica global. Mas, a melhor alternativa para Angola não seria deixar de comercializar o seu petróleo com a China, pelo contrário, ao país “recomenda-se” que continue fornecendo o seu produto não só para os chineses, parceiros tão relevantes, mas que amplie (ou diversifique) o grupo de países compradores de sua matéria-prima mais proeminente. O problema está na forma como tal intercâmbio comercial com a China vem se dando e nas implicações desse para a o crescimento e o desenvolvimento socioeconômico do país. Sobre tal problema, podem ser elencadas algumas perspectivas, são elas:

- ✓ É necessário que a sociedade angolana (na figura dos gestores de sua economia ou macroeconomia, os atuais e os vindouros) tão logo entenda que o crescimento econômico do país não pode permanecer dependendo excessivamente da produção e exportação de apenas um produto, o petróleo. Sabe-se da vulnerabilidade do petróleo a externalidades (como queda de preços), bem como ao esgotamento inevitável das reservas naturais e adoção de fontes energéticas renováveis (energias limpas, como a fotovoltaica, ou energia solar, e a energia eólica, gerada a partir da força dos ventos, áreas em que a China já tem investido consideravelmente). Ou seja, o processo de primarização da economia de Angola compromete em longo prazo o desenvolvimento socioeconômico do país já tão convalidado pelas implicações negativas do colonialismo português e da guerra civil (essa última legou ao país problemas graves de infraestrutura que interferem diretamente em sua economia, como a destruição de rodovias e ferrovias, deixando também um quantitativo grande de minas terrestres espalhadas durante o período do conflito, minas terrestres que hoje provocam graves acidentes como a

mutilação dos membros inferiores de cidadãos angolanos). Crê-se que a diversificação econômica de Angola ou a especialização em outras áreas seria a alternativa mais adequada e consciente para o país. Tal processo, a princípio, deve ser feito de forma planejada e gradativa, embasada no diálogo entre as instituições angolanas e a sociedade civil do país (é imprescindível que o povo angolano seja consultado e atendido plenamente em suas

demandas mais importantes, e que participe da construção de soluções adequadas, sendo isso salutar para a manutenção do processo democrático do país, que parece ainda fragilizado). Enfim, uma diversificação com base num modelo econômico que promova a industrialização de Angola (de acordo com suas potencialidades naturais que como se sabe não se restringem ao petróleo), que deve ser pautada num desenvolvimento socialmente justo (que contemple a inclusão da população angolana) e sustentável (levando-se em consideração também a importância da questão ambiental), pode-se inferir que os desafios da RPA (República Popular de Angola) não são poucos.

- ✓ Ao que parece os lucros oriundos da produção e exportação petrolífera não têm historicamente se transformado em benefícios para a grande maioria da população angolana. Ou seja, a primarização da economia do país (entre outros fatores) além de um sério problema para a economia, contribuiu para a configuração de uma grave divisão social e concentração de renda. Tal situação precisa ser sanada pelas instituições governamentais angolanas (juntamente com a sociedade civil), pois essa implica na geração de um grande número de pobres (e/ou miseráveis) e iletrados. Uma massa que se traduz em mão-de-obra não qualificada, debilitando ainda mais o crescimento e o desenvolvimento futuro do país (sendo que, as lacunas deixadas pela mão-de-obra não qualificada angolana têm sido ocupadas em alguns setores por mão-de-obra “qualificada” chinesa). Sendo assim, é necessário que Angola invista estrategicamente (de acordo com as demandas do país e de sua sociedade) na educação formal e profissional de sua população para que a mesma possa inserir-se no mercado com dignidade.
- ✓ Seria mais salutar para a economia angolana colocar-se de forma afirmativa ante os interesses comerciais da China no país. Não pela via de um protecionismo atávico, mas institucionalmente (através dos gestores de sua economia em consonância com o que a sociedade civil ou os representantes dessa têm a dizer sobre o tema). Discutindo-se a

hipótese de positivas condicionalidades aos investimentos chineses no país, como o incentivo a entrada e permanência do capital produtivo chinês (tipo de capital que mais interessa, não só o chinês, mas de outros países também). Segundo Evans (2008, p. 17), “a posição resoluta da China na defesa de seus próprios interesses econômicos nacionais dificilmente traria soluções para os problemas gerados pelo neoliberalismo.”¹¹³

- ✓ A transferência de tecnologia no processo de exploração do petróleo e de outros setores, o emprego de mão-de-obra angolana (claro que devidamente qualificada) nos empreendimentos chineses no país (bem como nos empreendimentos de outros países). Com isso Angola estaria buscando a configuração de uma relação comercial bilateral mais assimétrica ou que beneficiasse a ambos os países, eis outra tarefa não menos complexa para a sociedade angolana.
- ✓ Quanto à China, a essa caberia superar a extrema dependência da importação tanto do petróleo angolano quanto de outros países dos quais a China importa essa matéria-prima (como por exemplo, a Arábia Saudita). Investindo em energias limpas (como já foi citado) o país estaria criando alternativas viáveis e inteligentes para garantir o crescimento e desenvolvimento de sua economia em longo prazo. Segundo a National Geographic (2008, p. 132) “até o início da década de 1990, a China produzia quase todo o petróleo de que necessitava (...) mas o crescimento (...) duplicou o consumo de combustível no país.”¹¹⁴ Pode-se inferir que a questão do petróleo não é só desafiadora para a economia angolana, ou seja, é um problema para a economia chinesa também.

No que se refere a sugestões para futuras pesquisas:

- ✓ Os interesses econômicos (ou econômico-políticos) da China na África não dizem respeito apenas aos dois (o país e o continente), pelo contrário, eles representam também tema relevante para o entendimento da economia mundial nas próximas décadas. Dessa forma

¹¹³ EVANS, Peter. *Será Possível uma Globalização Alternativa?* Periferia. Volume 1. Número 1. p. 17, 2008. Disponível em: http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/peter_evans.pdf. Acessado em: 17/07/2013. Às 14 hs e 20 min.

¹¹⁴ Ver reportagem da revista National Geographic. *O século da China-Sede de petróleo*. Revista National Geographic Brasil. São Paulo, 2008.

constata-se que as relações comerciais bilaterais sino-africanas e/ou sino-angolanas devem ser estudadas mais a fundo (em sua complexidade e peculiaridades) pela economia e por outras áreas do conhecimento. Recomenda-se então a realização de estudos sobre a postura da China na relação com os países africanos detentores de vastas fontes ou reservas de matérias-primas fundamentais para a economia chinesa (seja petróleo, madeira, minérios, entre outros recursos naturais). Podem ser propostos questionamentos, tais como:

- 1) A relação da China com os países detentores de vastos recursos naturais no continente africano (ou na África Subsaariana) apresenta características de acumulação capitalista primitiva (ou simplesmente acumulação primitiva)?
- 2) Como tem se dado a relação da China com os seus “parceiros” comerciais do Magreb (países do Norte da África ou localizados acima do Saara) detentores de grandes reservas de recursos naturais (não só de petróleo)?
- 3) Quais as principais diferenças entre o modelo de relação comercial dos chineses com os países do Magreb e os países da África Subsaariana? Existem de fato diferenças ou a China trata todos os países africanos detentores de vastos recursos naturais da mesma forma?
- 4) No caso da América Latina: Como se dá a relação da China com os países latino-americanos detentores de vastos recursos naturais?

Enfim, percebe-se que uma gama de questionamentos (ou problemáticas) podem ser propostas para o entendimento das relações comerciais sino-africanas (de forma geral ou por territórios) e/ou sino-angolanas (ou seja, por países). Ou a respeito das relações chinesas com países de outros continentes (que não o africano) também detentores de recursos naturais, sendo todos os temas passíveis a elaboração de novas pesquisas.

O campo das relações comerciais sino-brasileiras também é fértil e pode ser analisado com trabalhos que proporcionem um entendimento mais claro das implicações dessas relações para a economia nacional. O Brasil é um dos grandes fornecedores de commodities para a China (soja, ferro, entre outras) sendo os chineses os parceiros comerciais mais importantes do país hoje. Dessa forma sugere-se, com base nas assimetrias identificadas na relação comercial bilateral sino-angolana, a realização dos seguintes estudos:

- 1) Sobre as relações comerciais sino-brasileiras (no campo das commodities ou em outros), objetivando a identificação de possíveis assimetrias nessas relações e propondo alternativas para as mesmas.
 - 2) Outra análise pode ser direcionada aos impactos da ascensão econômica da China sobre a economia brasileira (de forma geral ou em alguns setores, como o têxtil ou de calçados, entre outros).
- ✓ No decorrer das pesquisas (principalmente na análise dos dados específicos sobre a economia angolana que mostram sua extrema dependência da produção e exportação de petróleo) identificou-se que a questão da “doença holandesa” pode ser um problema que Angola esteja vivenciando, sendo assim passível de estudo.

Quanto às limitações da dissertação:

- ✓ A carência de um quantitativo maior de fontes que trabalhem de forma (específica e crítica) as relações comerciais bilaterais sino-africanas e/ou sino-angolanas a título de servirem de fonte para a pesquisa e embasamento da problemática proposta pela dissertação.
- ✓ O difícil acesso aos dados oficiais referentes ao comércio internacional tanto do governo da RPC (República Popular da China) quanto da RPA (República Popular de Angola). Tais informações (sob aspectos quantitativos e qualitativos) seriam imprescindíveis para a elaboração desta ou de qualquer pesquisa que objetive traçar um perfil da relação entre os dois países (inclusive para identificar assimetrias também).
- ✓ Foram vivenciadas algumas dificuldades no entendimento de alguns aspectos do esquema Centro-Periferia que de forma naturalmente demandavam uma análise estritamente econômica. Tais dificuldades, oriundas de uma formação em outra área do conhecimento (distinta da economia), foram gradativamente sendo superadas no processo de orientação.

REFERÊNCIAS

Agência Estado. *Petróleo das águas do Brasil interessam à China*. Diário do Pará. Pará, 2012. Disponível em: <http://www.diariodopara.com.br/N-157367-PETROLEO+DAS+AGUAS+DO+BRASIL+INTERESSAM+A+CHINA.html>. Acessado em: 04/12/2012. Às 23hs 30 min.

ANDRADE, Daniel Caixeta. *Fatores condicionantes do crescimento econômico de longo prazo na China: Aspectos teóricos e investigação empírica*. Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Dissertação de mestrado. Uberlândia, 2006. Disponível em: <http://www.nea.ie.ufu.br/dissertacoes/01.pdf> Acessado em 05/01/2013. Às 03hs 30 min.

ApexBrasil-Agência Brasileira de Promoção de Importações e Investimentos. *Estudo: Angola-Estudo de Oportunidades* 2010. Brasília / DF-Distrito Federal, 2010. Disponível em: http://www2.apexbrasil.com.br/media/estudo/angola_16102012173218.pdf. Acessado em: 01/12/2012. Às 00hs 34 min.

ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2010.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX*. Rio de Janeiro. Contraponto, 2012.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Mello. *Ensaio sobre o capitalismo-Globalização e inserção nacional*. São Paulo: Editora UNESP/UNICAMP-Instituto de Economia, 2004.

BERNET, Anne. *Da seda aos produtos de ponta. Escassez de energia e explosão demográfica foram e são problemas recorrentes na história da industrialização chinesa*. Mas, não é de hoje que o país abastece o mundo com produtos singulares. Revista História Viva. Especial. Grandes Temas. São Paulo: Duetto, 2011.

BRITO, Lana Bauab. *A presença chinesa em Angola: ameaças e oportunidades para o Brasil*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.ppgri.uerj.br/form/Lana_%20Bauab_Brito.pdf. Acessado em: 16/02/2013. Às 15hs 01 min.

CARMODY, Pdraig; OWUSU, Francis. *A China na Nova Ordem Mundial: impactos políticos e econômico*. Capítulo 6: A expansão da China para a África: interesses e estratégias.

Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Instituto de Estatística e Economia Aplicada-IPEA. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf. Acessado em: 23/09/2012. Às 09 hs 45 min.

CASTRO, Antônio Barros De. *No espelho da China*. Assessor da Presidência do BNDES e Professor Emérito da UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://www.gr.unicamp.br/ceav/content/pdf/pdf_textobrasilnoespelhodachina.pdf. Acessado em: 02/12/2012. Às 22hs 05 min.

CHESNAIS, François. *A finança mundializada*. São Paulo. Boitempo Editorial, 2011.

CONDE, José Brito. *Cooperação internacional: A cooperação sino-angolana e as repercussões econômicas e sociais geradas na zona envolvente do caminho-de-ferro de Benguela*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Área Científica de Estudos Africanos. Dissertação de mestrado. Lisboa, Janeiro de 2009. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/1693?mode=full>. Acessado em: 28/12/2012. Às 22: 00hs 40 min.

CORAZZA, Gentil. *O “regionalismo aberto” da CEPAL e a inserção da América Latina na globalização*. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 27, n. 1, maio 2006. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/viewFile/2114/2496>. Acessado em: 01/12/2012. Às 23hs 30 min.

CORKIN, Lucy. *O Eximbank da China em Angola*. (Contrade ONU). Pontes. Volume 8. Número 7. Novembro de (2012). Pontes. Volume 8. Número 7. Novembro de 2012. Disponível em: <http://ictsd.org/i/news/pontes/149833/>. Acessado em: 11/01/2013. Às 22 hs 30 min.

COUTO, Joaquim Miguel. *O pensamento desenvolvimentista de Raúl Prebisch*. Economia e Sociedade, Campinas, volume 16, n ° 1 (29), abril, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-06182007000100003&script=sci_arttexr. Acessado em: 13/12/2012. Às 23hs 00 min.

CUNHA, André Moreira. *A China e o Brasil na nova ordem internacional*. Revista Sociologia Política. Curitiba, volume. 19. Número suplementar. Novembro, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v19s1/03.pdf>. Acessado em: 11/12/2012. Às 20hs 00 min.

CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva; MONSUETO Sandro Eduardo; LÉLIS, Marcos Tadeu Caputi. *Breves Considerações sobre os Impactos Potenciais da Ascensão da China na Economia Brasileira*. II-Seminário sobre Pesquisas em Relações Econômicas Internacionais. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0799.pdf>. Acessado em: 08/05/2012. Às 23hs 11 min.

DOSMAN, Edgar J. *Raúl Prebisch (1901-1986): A construção da América Latina e do Terceiro Mundo*. São Paulo. Contraponto, 2011.

DUARTE, Pedro Henrique Evangelista; GRACIOLLI, Edílson José. *A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub) desenvolvimento na América Latina*. Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Disponível em: http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessa04/Pedro_Duarte.pdf. Acessado em: 14/12/2012. Às 18hs 00 min.

ECONOMIST, The. *O grande salto-Commodities Preteridos - A demanda chinesa acabou com um século de queda constante nos custos das matérias-primas para os consumidores do mundo rico*. São Paulo: Carta Capital, 2011.

EVANS, Peter. *Será Possível uma Globalização Alternativa?* Periferia. Volume 1. Número 1, 2008. Disponível em: http://www.febf.uerj.br/periferia/V1N1/peter_evans.pdf. Acessado em: 17/07/2013. Às 14 hs e 20 min.

FAIRBANK, John; GOLDMAN, Merle. *China-Uma nova história*. Rio Grande do Sul: L & PM, 2008.

FIORI, José Luís. *Poder e dinheiro-uma economia política da globalização*. Rio Janeiro, 1997.

FIORI, José Luís. *O poder global*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Celso. *Em busca de um novo modelo*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GOLDENSTEIN, Lídia. *Repensando a Dependência*. Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Economia. Tese de doutorado. Campinas, 1994. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000076927&fd=y>. Acessado em 10/12/2012. Às 20hs 20 min.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HOFMANN, Ruth M.; PELAEZ, Victor. *A racionalidade na teoria econômica: entre individualismo metodológico e estruturalismo*. 2008. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807020859020-.pdf>. Acessado em: 27/12/2012. Às 10hs 40 min.

JOSÉ, Joveta. *A política externa de Angola: novos regionalismos e relações bilaterais com o Brasil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Tese de doutorado. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35078/000794257.pdf?se>. Acessado em: 30/09/2012. Às 06 hs 41 min.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro. Campus, 1988.

KHANNA, Parag. *O Segundo Mundo-Impérios e Influência na Nova Ordem Global-Estados Unidos, China e União Europeia e a estratégia pela conquista das nações emergentes*. Rio de Janeiro: Intrínseca. p. 252, 2008.

KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LEÃO, Rodrigo Pimentel Ferreira; PINTO, Eduardo Costa. ACIOLY, Luciana. *A China na nova configuração global-Impactos políticos e econômicos. Governo federal. Secretaria de assuntos estratégicos da presidência da república*. Instituto de pesquisa econômica aplicada. Brasília, 2011. Disponível em: http://agencia.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf. Acessado em: 09/12/2012. Às 22hs 45 min.

LEITE, Alexandre César Cunha. *O Projeto de Desenvolvimento Econômico Chinês 1978-2008: a singularidade de seus fatores políticos e econômicos*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. Tese de doutorado. São Paulo, 2011. Observação: Texto enviado pelo próprio autor em 25/08/2011.

LESSA, Carlos Francisco Theodoro Machado Ribeiro De. *Raúl Prebisch, a ascensão da China e o Terceiro Mundo - A coruja do conhecimento, geralmente, levanta voo ao entardecer. As grandes passagens da economia mundial produzem revoadas de corujas. Destas, muitas fazem a releitura de antigos pensadores deixados, provisoriamente, de lado.* Disponível em: <http://www.desenvolvimentistas.com.br/blog/blog/2011/07/29/raul-prebisch-ascensao-da-china-terceiro-mundo/>. Acessado em: 26/12/2012 Às 13hs 20 min.

LIMA, Marcos Ferreira Costa. *BRICS-O desafio dos países emergentes.* Revista Rumos nº 269-Maio- Junho de 2013. Disponível em <http://www.abde.org.br/AssessoriaRevistaRumosInterno.aspx?id=1831&titulo=Revista%20Rumos%20n%C2%BA%20269>. Acessado em: 19/07/2013. Às 17 e 30 min.

LUZ, Arnaldo José Da. *A China e a questão energética no Brasil (1990-2010).* Universidade Federal do Paraná-UFPR. Dissertação de mestrado. Curitiba, 2011. Disponível em:http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/25894/DISSERTACAO%20P_BIBLIOTECA.pdf?sequence=1. Acessado em: 08/12/21012. Às 22hs 30min.

LYRIO, Mauricio Carvalho. *A ascensão da China como potência: fundamentos políticos internos. Fundamentos materiais para a ascensão da China - O acesso à energia.* Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto Rio Branco - IRBr. Brasília / Distrito Federal-DF, 2010. Disponível em: http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/China_potencia.pdf. Acessado em: 05/08/2012. Às 10hs 01 min.

MACHADO, LUIZ. *Grandes Economistas XI: Raúl Prebisch e a contribuição da CEPAL.* Julho de 2007. Disponível em: http://www.cofecon.org.br/index.php?Itemid=114&id=904&option=com_content&task=view. Acessado em: 01/12/2012. Às 22hs 00 min.

MAGALHÃES, Henrique Júdice. *A recolonização programada da África.* Jornal A Nova Democracia. Ano VI. nº 35, Julho de 2007. Disponível em: <http://www.anovademocracia.com.br/no-35/287-a-recolonizacao-programada-da-africa>. Acessado em 03/04/2013. Às 17hs 26 min.

MARTI, Michael E. *A China de Deng Xiaoping - O homem que pôs a China na cena do século XXI.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

MAZRUI, Ali A. *A História Geral da África. VIII. África desde 1935*. Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190256POR.pdf>. Acessado em: 01/10/2012. Às: 10hs 00 min.

MDCI-Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior. *Estudo: Oportunidades de negócios em serviços Brasil-Angola*. Secretaria de Comércio e Serviços-SCS. Departamento de Políticas de Comércio e Serviço-DECO, 2009. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1257766509.pdf. Acessado em: 01/12/2012. Às 00hs 32 min.

MELLO, João Manuel Cardoso De. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MELLO, João Manuel Cardoso De. *Poder e dinheiro-uma economia política da globalização. A contrarrevolução liberal conservadora e a tradição crítica latino-americana. Um prólogo em homenagem a Celso Furtado. Extraído do livro: Poder e dinheiro-uma economia política da globalização*. Rio Janeiro: Vozes, 1997.

Ministério das Relações Exteriores-MRE. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos-DPR. Divisão de Inteligência Comercial-DIC. *Dados Básicos e Principais Indicadores Econômico-Comerciais de Angola*. Outubro/2012. Disponível em: <http://www.brasilglobalnet.gov.br/ARQUIVOS/IndicadoresEconomicos/INDAngola.pdf>. Acessado em: 10/12/2012. Às 14hs 30 min.

MORAIS, Hugo André Pires Miranda. *Envolvimento multifacetado da China em Angola*. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa. Fevereiro de 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/2960>. Acessado em: 11/12/2012. Às 22: 40hs 00 min.

MORAIS, Isabela Nogueira De. *Desenvolvimento Econômico, Distribuição de Renda e Pobreza na China Contemporânea*. Universidade Federal do Rio Janeiro-UFRJ. Instituto de Economia - IE. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: http://marcosocosta.files.wordpress.com/2011/03/isabela_densenvol_e_distr_na_china_tese_0.pdf. Acessado em: 04/01/2013. Às 00hs 30 min.

MORTATTI, Caio Marcos. *Determinantes do comércio Brasil-China de commodities e produtos industriais: uma aplicação do modelo VAR*. Universidade de São Paulo-USP. Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Monografia. Piracicaba, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ecoa/v15n2/v15n2a07.pdf>. Acessado em: 13/12/2012. Às 00hs 39 min.

National Geographic. *O século da China-Sede de petróleo*. Revista National Geographic Brasil. São Paulo, 2008.

NASAR, Sylvia. *A Imaginação Econômica - Os gênios que criaram a economia moderna e mudaram a história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NUNES, Susana Raquel Cunha. *A Evolução das Negociações Chinesas durante o Período da Reforma*. Universidade de Aveiro. Seção Autônoma de Ciências Sociais, Jurídicas e Políticas. Dissertação de mestrado. Aveiro, 2009. Disponível em: <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/3403/1/2009001099.pdf>. Acessado em: 16/10/12. Às 13hs 30min.

OLIVEIRA, Amaury Porto De. *O Brasil no mundo que vem aí. A China constrói uma parceria estratégica com a África-Radiografia do parceiro africano*. III Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional-III CNPEPI. Ministério das Relações Exteriores. Fundação Alexandre de Gusmão. Instituto de Pesquisas e Relações Internacionais. Brasília / DF-Distrito Federal, 2008. Disponível em: <http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0499.pdf>. Acessado em: 18/09/2012. Às 00 hs 13 min.

OLIVEIRA, Roberson De; GENNARI, Anderson Marques. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo. Saraiva, 2009.

PACHECO, Carlos Américo. *Notas em homenagem ao professor Antônio Barros de Castro-Seminário: o Brasil no espelho da China: as reflexões de Barros de Castro*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-98482012000200001&script=sci_arttext. Acessado em: 01/12/2012. Às 23hs 00min.

PADILHA, Maria Fernanda Freire Gatto. *Experiências Contemporâneas de Desenvolvimento-Políticas Voltadas para Inserção Competitiva-Casos da China, Brasil e México*. Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Centro de Ciências Sociais Aplicadas-

CCSA. PIMES-Programa de Pós-Graduação em Economia. Dissertação de mestrado. Recife, 2006. Disponível em: http://www.btdt.ufpe.br/btdt/tedeSimplificado/tde_busca/index.php. Acessado em: 02/12/2012. Às 21hs 00 min.

PADILHA, Maria Fernanda Freire Gatto; LIMA, João Policarpo R.; LEITE, André. *Capitalismo Contemporâneo, Estado e Desenvolvimento. Economia e Desenvolvimento*. Recife (PE), v. 9, nº 1, 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/economia/article/view/10282/5639>. Acessado em: 15/11/2012. Às 22hs 00 min.

PLIHON, Dominique. *A Globalização Financeira. Colóquio Pobreza, Dívida Externa e as Três Instituições Irmãs: FMI, Banco Mundial e OMC Ciclo “África Começou Mal, África Está Mal: A Tragédia Africana”*. Faculdade de Economia Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em: http://www4.fe.uc.pt/ciclo_int/doc_06_07/dominique_plihon.pdf. Acessado em: 16/12/2012. Às 18hs 30 min.

PORCHMANN, Márcio. *A China na Nova Ordem Mundial: impactos políticos e econômicos. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República*. Instituto de Estatística e Economia Aplicada-IPEA. Brasília / Distrito Federal-DF, 2011. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livro_achinaglobal.pdf. Acessado em: 23/09/2012. Às 09hs 45 min.

RICUPERO, Rubens. *Prebisch e Furtado: Economistas foram os únicos latino-americanos capazes de elaborar pensamentos originais sobre o desenvolvimento*. Folha de São Paulo, 25 de julho de 2011. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2507201104.htm>. Acessado em: 17/12/2012. Às 13hs 20 min.

ROCHA, Manuel Alves Da. *A ameaça chinesa em África*. Opiniões-Jornal Expansão. Angola, 2010. Disponível em: http://expansao.sapo.ao/home/opiniao/manuel_alves_da_rocha/a_ameaca_chinesa_em_africa. Acessado em 26/12/2012 Às 14hs 35 min.

RODRIK, Dani. *Depois do Neoliberalismo, o quê?* Palestra: Desenvolvimento e Globalização: Perspectivas para as nações, 2002. Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_debate/1-DesenvGlob.pdf. Acessado em 15/12/2012. Às 19hs 40 min.

ROSINHA, Maria do Rosário Rebelo de Penha Gonçalves. *A China em África: parceria igual ou desigual (Os casos de Angola e Moçambique)*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Lisboa, 2009. Disponível em: http://www.adelinotorres.com/teses/ROSARIO%20ROSINHA_A%20China%20em%20%C1frica.pdf. Acessado em: 12/10/2012. Às 00hs 00 min.

RYSDYK, Janaina. *A política externa chinesa para a África: uma análise dos casos do Sudão e da Nigéria*. UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/28769>. Acessado em: 12/12/2012. Às 23hs 40 min.

SIQUEIRA, A. André. *Lições esquecidas: Segundo o biógrafo de Raúl Prebisch, a obra do pensador é negligenciada na América Latina*. Revista Carta Capital. São Paulo. Edição nº 659, 2011.

SILVA, Gustavo Javier Castro. *A teoria da dependência: reflexões sobre uma teoria latino-americana*. (2005). Disponível em: http://www.unieuro.edu.br/downloads_2005/hegemonia_03_04.pdf. Acessado em: 02/01/2013. Às 17hs 00 min.

SOUZA, Antônio Renildo Santana. *As relações entre a reforma do Estado e a dominação do capital na China: As transformações pós-1978*. Universidade Federal da Bahia-UFBA. Escola de Administração. NPGA-Núcleo de Pós-Graduação em Administração. Tese de doutorado. Salvador, 2007. Disponível em: http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/tese_antonio.pdf. Acessado em: 04/12/2012. Às 23hs 30 min.

SUKUP, Viktor. *A China frente à globalização: desafios e oportunidades*. Revista Brasileira Política Internacional. Volume 45. Número 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292002000200005&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 06/12/2012. Às 22hs 40 min.

TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís. *Desajuste global e Modernização Conservadora*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

TAVARES, Maria da Conceição. *Destruição Não Criadora-memórias de um mandato popular contra a recessão, o desemprego e a globalização subordinada*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

UN Comtrade 2011. Disponível em: Disponível em: <http://www.sinolatincapital.com/po/Energy.asp>. Acessado em 16/12/2012. Às: 13 hs 50 min.

VINES, Alex; WEIMER, Markus; CAMPOS, Indira. “*Sede de Petróleo Africano: Petrolíferas Nacionais Asiáticas na Nigéria e em Angola*”. Parte 2 – Petrolíferas Nacionais Asiáticas em Angola. Um Relatório da Chatham House, 2011. Disponível em: http://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/Research/Africa/r0809_africanoil_po.pdf. Acessado em: 21/01/2013. Às 12hs 30min.

WALTER, Luís Fernando da Costa. *Angola: O Papel e Contributo do Setor dos Petróleos de Angola no Desenvolvimento Socioeconômico do País. Desafios e Expectativas (1975-2005)*. ISCTE. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa. Área Científica de Estudos Africanos. Dissertação de mestrado, 2007. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/656/1/TESE%20NOVEMBRO%20ACTUALIZADA.pdf>. Acessado em: 05/12/2012. Às 00: 00hs 30 min

XAVIER, Nathaly Silva. *A política externa chinesa e a recepção dos países africanos: o contraste entre Zâmbia e Angola (1989-2009)*. UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/29395/000776662.pdf?sequence=1>. Acessado em: 02/12/2012. Às 23hs 00 min.

YOUNG, Carlos Eduardo Frickmann; LUSTOSA, Maria Cecília Junqueira. *A questão ambiental no esquema centro-periferia*. Economia. Niterói (RJ), volume 4, n ° 2, Julho / dezembro 2003. Disponível em: http://www.anpec.org.br/revista/vol4/v4n2p201_221.pdf. Acessado em 14/12/2012. Às 19hs 00 min.